



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

MATEMÁTICA DOS PALMOS INJUSTOS:
LIVRO DE CRÔNICAS SOBRE O COTIDIANO DO TRANSPORTE PÚBLICO
AMAPAENSE

CRILES MONTEIRO RAMOS

Macapá

2017

CRILES MONTEIRO RAMOS

**MATEMÁTICA DOS PALMOS INJUSTOS:
LIVRO DE CRÔNICAS SOBRE O COTIDIANO DO TRANSPORTE PÚBLICO
AMAPAENSE**

Memorial Descritivo do projeto experimental “Matemática dos palmos injustos: livro de crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense”, apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Amapá como requisito final à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Professor (a) Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Roberta Scheibe.

MACAPÁ

2017

Sumário

1. RESUMO	4
2. INTRODUÇÃO	5
3. PROBLEMA	8
4. HIPÓTESE	9
6. OBJETIVOS	12
6.1 - Geral	12
6.2 – Específicos	12
7. REFERENCIAL TEÓRICO	12
7.1 Jornalismo literário	12
7.2 Crônica	16
7.2.1. Crônica sociológica	19
7.2.2. Crônica local	20
7.2.3. Crônica narrativa	20
7.2.4 Crônica-poema	20
7.3 A linguagem jornalística	21
7.4 O jornalismo humanizado	26
8. METODOLOGIA	30
9. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	34
9.1 Projeto gráfico e editorial	49
9.2 Cronograma	50
9.3Orçamento	53
10. CONCLUSÕES	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1. RESUMO

Este memorial relata o processo de produção do Livro “Matemática dos palmos injustos: livro de crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense”, que traz relatos de pessoas comuns, ou nos termos de De Certeau, de cidadãos ordinários; além de acontecimentos de suas vidas cotidianas dentro do transporte coletivo entre as cidades Macapá e Santana no estado do Amapá. As narrativas foram escritas no gênero crônica, com a inserção de elementos pontuais do jornalismo e da sociologia. Este memorial detalha a elaboração do projeto experimental (livro de crônicas) e as teorias e métodos que foram embasados para construí-lo. Os autores que fundamentam este trabalho são Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena e Roberta Scheibe, no que diz respeito ao jornalismo literário e suas ferramentas narrativas; José Marques de Melo e Jorge de Sá referenciando a crônica e suas técnicas como gênero híbrido entre jornalismo e literatura; Luiz Beltrão, José Marques de Melo e Roberta Scheibe, no que se refere a crônica e seus subgêneros através do jornalismo literário; Luiz Costa Pereira Júnior, Nilson Lage e Cremilda Medina em relação a abordagem sobre a linguagem jornalística; e De Certeau e Cremilda Medina, nos argumentos referentes ao cotidiano ordinário e ao jornalismo humanizado.

Palavras-chave: Crônica; Cotidiano; Amapá; Transporte Público.

2. INTRODUÇÃO

O presente memorial refere-se à produção de um livro de crônicas apresentado como Projeto Experimental equivalente a Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap).

O produto jornalístico aqui descrito é um livro composto por vinte e uma crônicas, essas foram desenvolvidas a partir de narrativas colhidas dentro do transporte coletivo nas cidades de Macapá e Santana no estado do Amapá, além de lugares correlatos como terminais e paradas de ônibus. Os textos contêm relatos de pessoas e suas vivências nos lugares citados acima, além de narrativas que trazem observações da autora através de uma visão poética e crítica ao dia a dia dentro dos coletivos. É necessário ressaltar que eu, autora deste trabalho, realizei uma incursão etnográfica neste cotidiano, também usando o transporte público, passando por muitas dificuldades das quais passam todas as pessoas que precisam usar desse mesmo transporte coletivo. De acordo com Soares, neste processo de contato com o outro, por meio da metodologia etnográfica, ocorrem “dinâmicas interacionais e dialógicas” (SOARES, 1994, p.87), onde acontece uma ponderação e apreciação dos “processos interativos” (IDEM), desencadeando a alteridade. Embora o lugar (transporte coletivo) seja de meu uso comum, posso dizer que realizei a incursão etnográfica porque precisei fazer diferentes roteiros em horários que não são específicos e meu cotidiano, como pegar o primeiro ou último ônibus da rota Macapá-Santana, ou especificamente escolher os horários de pico (exemplos: 13h e 18h) para estar inserida na multidão ou precisar esperar por horas na parada de ônibus.

A idéia do livro com crônicas surgiu de uma conversa com a professora Roberta Scheibe, onde ela sugeriu o campo de estudo. Com isso passei a observar com mais atenção alguns aspectos relativos ao espaço do transporte público, as problemáticas que o cercava e possíveis personagens que se encaixariam nas narrativas.

O livro teve como objetivo mostrar ao leitor narrativas diferenciadas através da crônica, trazendo uma nova leitura e percepção dos fatos cotidianos ligados a esse espaço público, dos indivíduos diferentes e desconhecidos que estão ao nosso redor diariamente, dos problemas sociais que esses carregam e enfrentam, e quem sabe perceber o encantamento e poética despercebidos nesse ambiente. Para isso, ao abordar esses personagens e escutar suas histórias, foi possível usar de recursos jornalísticos de captação, como a entrevista. Segundo Medina, “colher informações e declarações no real imediato não se restringe, pois, à objetivização da entrevista, mas principalmente à subjetivação da interação humana ali

representada” (MEDINA, 1996, p. 224), ou seja, ao fazer uso do recurso jornalístico, através dessa interação humana, pude deixar o entrevistado mais à vontade, tratando com descontração ou afeto (a depender da temática discutida), abordando-o não apenas com perguntas programadas dentro de uma pauta, mas deixando a conversa fluir chegando a perguntas mais restritas de acordo com o diálogo que se formava.

Os personagens, vistos como heróis do cotidiano, trazem em suas histórias sentimentos de enfrentamento, tristeza, alegria, esperança, aspiração, desejo, dor, coragem, medo, resistência, e outros. Das vinte e uma crônicas, doze relatos foram observações e conversas informais, e nove foram entrevistas com pessoas cientes do projeto como livro de crônicas.

É importante frisar o registro desses relatos como identidade cultural e histórica. Através desse projeto consegui fazer um trabalho até então diferenciado para a produção acadêmica e jornalística no Estado. Tendo em vista que, na produção amapaense temos poucos livros de crônicas, onde podemos citar o Projeto Caldo Fino – Crônicas sobre o cotidiano no Amapá, realizado pelos alunos de Jornalismo da Faculdade Seama e organizado pelas professoras Dra. Roberta Scheibe e Dra. Cláudia Assis Saar, e livros como “Lugar de chuva: crônicas do Amapá” de Luli Rojanski, “Crônicas selecionadas” de Oton Miranda, e “Adoradores do Sol – Novo Textuário do Meio do Mundo”, de Fernando Canto. O diferencial do livro aqui apresentado é o transporte coletivo como campo central, não há registros do tema como produção acadêmica no estado do Amapá.

A metodologia aplicada neste trabalho teve pontos específicos para produto e memorial. Como produto, o método traz o embasamento da utilização do gênero crônica e seus subgêneros para as narrativas do livro, além da teorização de recursos jornalísticos como a entrevista, o uso de fontes e técnicas de narração e descrição trazidas pelo jornalismo literário. Em relação aos métodos do memorial, usou-se a análise qualitativa no ponto de vista de MINAYO apud BERETTA, 2016; em complemento, realizou-se um resumo da problematização teórica a partir dos autores empregados.

Escrever sobre o cotidiano e narrar a história de pessoas comuns, e além disso entender como essas são ordinárias na construção de sentidos, significações e enfrentamentos é o ponto inicial para este livro. “A construção social dos sentidos acontece na rua, cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos cantadores anônimos” (MEDINA, 2003, p. 74). A autora ainda diz que, entendendo a narrativa como uma das respostas humanas ao caos, dotada da capacidade de produzir sentidos, “sem essa produção cultural – a narrativa – o

humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as invisibilidades da vida” (MEDINA, 2003, p. 48).

A idéia do jornalista explorar em seus textos as particularidades do espaço e dos sujeitos que está narrando, também pode ser vista como parte de um papel social, explorando os detalhes, mostrando a “vida pulsante”, bem como coloca Barros (2001) se referindo à qualidade de texto que o leitor espera receber da imprensa contemporânea.

“A narrativa da realidade tal qual vista, sentida, pensada, reproduzida pelo narrador em seus múltiplos aspectos humanos, sociais, econômicos, culturais, históricos, políticos e o que mais desejar sob categorias específicas de classificação de conteúdo” (BARROS, 2001, p. 13).

As narrativas trazidas pelo produto foram escritas no formato de crônica, subgênero do jornalismo literário, com a inserção de elementos pontuais do jornalismo (e por consequência do jornalismo literário) e da sociologia. Do ponto de vista jornalístico, foram explorados métodos como a captação através da entrevista e observação; também foi usado o método de apuração de informações para complemento de texto, como exemplo os índices e dados de pesquisa. O gênero do jornalismo literário foi imprescindível para adentrar ao contexto sociológico, com o uso de narrativas mais longas e carregadas de inserção de diálogos, na busca pela humanização do texto ao mostrar o sujeito comum ordinário.

Este memorial traz o detalhamento e elaboração do produto (livro de crônicas) e as teorias e métodos que foram embasados em sua construção. Os autores que fundamentam este trabalho são Edvaldo Pereira Lima (2009), Felipe Pena (2013) e Roberta Scheibe (2008), em relação ao jornalismo literário e suas ferramentas narrativas; José Marques de Melo (1985) e Jorge de Sá (2005) abordando a crônica e suas técnicas como gênero híbrido entre jornalismo e literatura; Luiz Beltrão (1980), José Marques de Melo (1985) e Roberta Scheibe (2016), no que se refere a crônica e seus subgêneros, sendo eles a crônica sociológica, a crônica narrativa, a crônica local e crônica-poema; Luiz Costa Pereira Júnior (2006), Nilson Lage (2014) e Cremilda Medina (1988) na abordagem sobre a linguagem jornalística; Michel de Certeau (2014) utilizado pontualmente no que diz respeito ao referencial alusivo ao cotidiano

ordinário; e Cremilda Medina (2003) no que se refere ao jornalismo humanizado, sobre as formas de abordagem jornalística mais sensíveis com práticas de novos olhares e narrativas.

3. PROBLEMA

É possível usar a crônica, subgênero do jornalismo literário, para relatar o cotidiano do transporte público amapaense, retratando histórias de sujeitos comuns bem como sua importância frente à sociedade?

Trazer situações cotidianas de forma informativa e poética através de um gênero tão híbrido quanto a crônica, se torna um diferencial frente ao jornalismo padrão que somos acostumados a ler, ver e escutar todos os dias. São poucos os livros, dele alguns já citados aqui anteriormente, e também blogs ou projetos que envolvam crônica no estado do Amapá.

É válido ressaltar a importância de novas narrativas e a ruptura com o convencional através do jornalismo, quebrando os padrões do lead na pirâmide invertida, inserindo poética e sensibilidade em textos que retratam vidas e seus respectivos problemas. Afinal, o leitor pode se interessar pela história da senhora que é negado o direito de gratuidade no ônibus, tão bem quanto querer saber dados estatísticos dos idosos que precisam do serviço gratuito e o tem como direito.

Nós vivemos e nos recriamos, somos parte e ordinários dentro desse que chamamos cotidiano, nossos deslocamentos diários nos levam a lugares diversos, para diferentes deveres, e isso tudo nos faz escrever nossa história de vida. Se somos personagens da realidade, por que não relatar isso? Por que não mostrar os heróis da vida real? Esse livro de crônicas também tem como finalidade gravar memórias de alguns cotidianos e sentimentos amapaenses.

Pensando assim, é necessário trazer à tona problemas relacionados ao transporte público, como a superlotação, inacessibilidade, frota sucateada; e para além disso, também abordar fatos recorrentes nesse espaço que ressaltam problemas sociais, temas como racismo, homofobia, violência de gênero. Com isso, é possível unir a história desses personagens no momento em que usam desse transporte coletivo e enfrentam a esses conflitos e resistências. No conceito de Michel Pollak (1989) sobre memória subterrânea, é possível entender a busca por histórias até então invisíveis, que no entanto merecem ser escritas pela grande importância

frente a diferentes cotidianos e experiências vividas em uma sociedade, pois há uma importante necessidade em finalmente privilegiar a análise das minorias, dos excluídos e marginalizados, escutando essas histórias orais que são caracteristicamente opostas à “Memória oficial”. É ressaltando a importância de memórias desses indivíduos invisíveis a que o autor se refere.

A realização desse projeto, por meio do Jornalismo Literário, através do subgênero Crônica, torna-se significativa para o registro de memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) da comunidade que utiliza transporte público em Macapá e Santana, no estado do Amapá.

4. HIPÓTESE

A hipótese do produto jornalístico é de que a crônica é o gênero opinativo jornalístico, e subgênero do jornalismo literário mais viável para fazer relatos informais do cotidiano de usuários de transporte público em Macapá e Santana. Isto em função de sua maneira livre e leve na escrita, e ao mesmo tempo crítica, onde pode de maneira subjetiva retratar o cotidiano no transporte público amapaense através da narrativa híbrida, abordando no livro um formato de gênero textual pouco usado no Amapá, no que se refere a abordagem de relatos locais.

Em relação ao memorial, a hipótese é de que os relatos em forma de crônica podem fazer parte de um jornalismo mais humanizado, mostrando significações e emoções que matérias jornalísticas factuais não abordam sobre o cotidiano, logo, a fuga para o subgênero do jornalismo literário – a crônica – poderia retratar as histórias em escritas diferentes e fiéis a realidade, bem como poéticas, sociológicas e jornalísticas, no que tange a observação, descrição, apuração das informações e entrevistas.

5. JUSTIFICATIVA

A mobilidade através do transporte público faz parte do cotidiano de muita gente que precisa se locomover seja para ir ao trabalho, à escola, à universidade, ao médico, sair a lazer ou resolver problemas em lugares distantes. Partindo dessas vivências, o transporte coletivo é tido como um dos espaços públicos que evidenciam e nos mostram vários problemas e redefinições sociais. Ferreira (2007) acredita que as relações sociais são espaciais e existem a

partir da construção de espacialidades que são vividas e socialmente criadas de forma concreta e abstrata; e destas derivam as práticas sociais. Diz ainda que as formas espaciais expressam mais que transformações econômicas, sociais, políticas e culturais, contribuem para redefinição desses processos. “É na espacialidade que o percebido, o concebido e o vivido se reencontram e deixam transparecer sua total imbricação (FERREIRA, 2007, p.2).

Um dos ofícios do jornalismo é se apropriar do ‘mito da objetividade’ para levar informação aos cidadãos sobre os diversos problemas que nos envolvem como sociedade. A maneira como o texto jornalístico chega ao leitor com rápida informação, o viciou a esse padrão de leitura; assim como também viciou o jornalista na forma padronizada como relata sobre o tema em pauta, além do pouco aprofundamento ao olhar o personagem, em muitos casos vistos como meros figurantes no enredo da reportagem.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2013, p. 13).

Em ‘Povo e personagem’, Cremilda Medina (1996) fala “para além da estreiteza do repertório, a relação com o mundo, a relação com o outro – específicas da profissão – carecem também de profundidade” (MEDINA, 1996, p. 11), entendemos então o quanto a comunicação precisa se aproximar do seu campo de estudo e trabalho – o humano e a sua relação com o mundo, seu lugar e a forma como este está inserido.

É por esse caminho que embarca a poética da crônica dentro do ônibus, onde o cronista passa a entender onde pisa a partir do momento em que está inserido nesse lugar, juntamente com os seus personagens/fontes. Cria, inclusive, através do olhar, a capacidade de descrever com profundidade seu redor - como o que está dentro e fora da janela do ônibus; como se comportam as pessoas; quais as reações do personagem escolhido; como ele se relaciona com o lugar e o seu problema social. O jornalista deve usar de todas as formas narrativas – e honestas - para preencher seu texto com realismos e emoções, dando mais vivacidade aos personagens. Ao observar o cotidiano, é possível trazer detalhes mais precisos para as

narrativas, como descrever os personagens e lugares; a interação desse personagem com tal lugar – o ônibus -; a interação entre pessoas; ou até de determinada pessoa com seu próprio corpo – a agonia e inquietação com o movimento/aperto no ônibus.

Assim justifica-se esse trabalho, em evidenciar diferentes realidades do ser ordinário, da pessoa comum, do cidadão amapaense, produzindo um jornalismo literário através da crônica, que se consolida em gênero híbrido entre jornalismo, literatura e história (SCHEIBE, 2008). Este gênero traz uma ‘literatura de não-ficção’ carregada por uma escrita de realidade, “desde os tradicionais dialogismos do ensaio, até o monólogo interior e colocar muitos gêneros diferentes simultaneamente” (WOLFE apud SCHEIBE, 2006, p. 4)¹.

Foi pensando assim que nasceu a idéia de um livro de crônicas relatando esses cotidianos, através de uma linguagem que não segue os padrões rígidos jornalísticos, no que se refere a lead e pirâmide invertida, por exemplo; mas que se utiliza de elementos e ferramentas do fazer jornalístico, como a observação, a entrevista e a apuração das informações. “É preciso unir expressão com expressividade. O jornalismo atual está preocupado com o padrão e, em determinados momentos, esquece o conteúdo” (SCHEIBE, 2006, p. 4). Assim, o presente projeto experimental apresenta ao leitor uma nova abordagem do cotidiano amapaense, que alcança não apenas o transporte público e seus problemas, mas também pondo à mesa toda a carga de expressividade em vivências, experiências e testemunhos que esses personagens trazem consigo.

Livros de crônicas no Amapá não são tão comuns nos dias de hoje, principalmente trazendo uma temática mais urbana para as narrativas. No jornalismo amapaense, apesar de existirem excelentes cronistas como Hélio Penafort e Fernando Canto, o gênero crônica ainda é pouco explorado no Estado; além disso, entendo que a crônica também é uma forma de reportar, narrar e apurar fatos importantes que carregam significados do cotidiano.

O livro foi feito em formato PDF pela falta de recursos financeiros para a impressão, tendo em vista que o custo deste é caro. Porém, futuramente, é maior a possibilidade do produto chegar ao conhecimento de mais pessoas, através do impulso da internet e das redes sociais.

¹O trabalho apresenta alguns usos de fontes por meio do APUD, em função de muitas obras raras e antigas citadas não possuírem mais edições para venda e também por não terem sido encontradas em bibliotecas, nem livrarias do Estado; assim como não estão disponibilizadas na internet.

6. OBJETIVOS

6.1 - Geral

Produção de um livro de crônicas relatando problemas do transporte público entre as cidades Macapá e Santana no estado do Amapá, envolvendo histórias de pessoas comuns, dando visibilidade a esses personagens que passam a ser ordinários no cotidiano amapaense.

6.2 – Específicos

- Realizar conversas informais e entrevistas formais com os personagens, aprofundando suas memórias a partir de problemas sociais enfrentados, momentos felizes, engraçados, e outros em torno do transporte coletivo;
- Utilizar da narrativa livre da crônica (crônica sociológica e narrativa são alguns tipos) para expor de uma maneira diferente os tipos de escrita, utilizando de meios como a observação e entrevista jornalística, além de incursão etnográfica, contribuindo para o jornalismo literário amapaense;
- Dar visibilidade à história de pessoas comuns, que são memória subterrânea (POLLAK, 1989) da cidade, retratando suas identidades, mostrando suas vivências, linguagens, crenças e costumes;
- Conseguir um artista para ilustrar algumas crônicas, ajudando no enriquecimento visual e criativo do livro;
- Acompanhar o trabalho do diagramador do livro em formato PDF.

7. REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 Jornalismo literário

O jornalismo literário, gênero que agrega elementos literários aos textos jornalísticos, proporcionando uma linguagem mais subjetiva às narrativas, sempre esteve presente nas redações de jornais. De acordo com Edvaldo Pereira Lima, no livro *Páginas ampliadas*, jornalismo e literatura conectam-se e funcionam juntos desde a segunda metade do século XIX, na era industrial, quando a imprensa se moderniza (LIMA, 1993).

Segundo Felipe Pena, foi nesse período que escritores de prestígio chegaram aos jornais e descobriram a força do novo espaço público, “não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais” (PENA, 2013, p. 28). O autor ainda conclui que no século XIX, a influência da literatura se tornou mais visível no jornalismo. Enquanto os jornais precisavam vender, os escritores queriam ser lidos e livros eram caros, logo, seus romances eram publicados por capítulos diariamente. “E para isso, foi necessário inventar um novo gênero literário: o folhetim” (PENA, 2013, p. 32). Segundo Capparelli, ainda em 1852, o jornalismo agregou a crônica (subgênero do jornalismo literário) ao jornal, logo, a partir daí “a legitimação do campo jornalístico alicerçado pela literatura, e não mais nutrido exclusivamente dela” (CAPPARELLI APUD SCHEIBE, 2016, p. 1).

Como o passar do tempo, os jornais passaram por transformações na escrita, deixando de ser um espaço mais literário e aderindo ao jornalismo mais rápido e urgente. A partir da década de 50 “a objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os *faint divers* assume a função principal na pauta. A literatura é apenas um suplemento” (PENA, 2013, p.40).

Como vimos num pequeno apanhado histórico, o hibridismo entre jornalismo e literatura tornou possível o casamento singular nos jornais da época, esse que também continua nos dias atuais, seja em jornais ou portais de notícias da internet. Edvaldo Pereira Lima nos fala dessa aliança e como se conectam apropriadamente bem:

Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários. O Graciliano Ramos é uma lição de boa literatura e uma lição de jornalismo. Porque o literário não é apenas o ornamento. Graciliano Ramos explorou o despojamento, esse descarnar da linguagem. Memórias do Cárcere traz essa marca. Onde está o jornalismo? Onde está a literatura? Fica muito difícil demarcar a fronteira (LIMA, E., 1993, p. 139).

O texto jornalístico precisa revolucionar em seu estilo, chegando a patamares significativos enquanto narrativa ao chegar ao leitor, envolvendo-o, “conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo,

através do espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato” (LIMA, E., 1993, p. 106). Uma das alternativas para essa fuga citada pelos autores, é o Jornalismo Literário, que para Felipe Pena (2013), significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassando os limites dos acontecimentos cotidianos, dar ao leitor visões amplas de realidade, exercer cidadania e romper as correntes do famoso lead.

Em *Jornalismo Literário Para Iniciantes*, Edvaldo Pereira Lima traz a diferença entre Jornalismo Convencional e Jornalismo Literário, onde ressalta que o segundo, em sua narrativa, o repórter procura fazer com que o leitor viva um pouco do que ele mesmo viveu, reproduzindo o clima dos acontecimentos, trabalhando os movimentos, retratando os personagens com vivacidade. O autor ainda ressalta que o jornalista tem como compromisso implícito com o leitor dar não apenas a informação sobre alguma coisa: “É fazer com o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata” (LIMA, 2010, p. 13). Tentei neste trabalho, usar o máximo desse compromisso para transpassar ao leitor as emoções/sentimentos sentidos com cada personagem e no ambiente do transporte público.

A narração explorada pelo jornalismo literário vem a causar no leitor o tipo de experiência sensorial citada por Lima (2010), a que faz o leitor embarcar na história de maneira mais empolgante, envolvente e emotiva. Uma das técnicas utilizadas dentro da narração é o uso de diálogos captados pelo repórter, onde se torna mais possível atrair o leitor na história. Na tentativa de fazer uso dessa técnica, foi possível trabalhar no livro de crônicas, a narração a partir dessa veia jornalística literária. Sobre o diálogo, Tom Wolfe ressalta que, “o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso” (WOLFE apud PAIXÃO, 2014, s/p). Sendo assim, o uso de diálogos dentro das crônicas foi de grande importância para dar essa maior vivacidade aos personagens e suas histórias de vida.

Para Lima (2009), nos livros-reportagens, a narração se constrói quase sempre através de uma ação dada, logo, o jornalista privilegia mais da intensidade – repercussão emocional do acontecimento; e com menor amplitude o ambiente – descrição do meio físico ou mental que cerca o fato. “É compreensível isso, já que a grande-reportagem toma um item dado como foco a partir do qual descarna o contexto que o envolve” (LIMA, 2009, p. 148). Porém, Edvaldo Lima ressalta que se o jornalista está interessado em abranger uma discussão geral, é preciso “descer ao particular” (LIMA, 2009) para encontrar acontecimentos que ajudem a

discutir o assunto proposto em pauta. Nessa circunstância, é possível a narrativa enfatizar tanto o elemento de intensidade quanto o elemento de ambiente, “vale mais o relato carregado do seu substrato emocional e ambiental do que apenas cru, que se esvai rapidamente. Em ambos os casos há a necessidade de relatar com força, precisão, clareza e impacto” (LIMA, 2009, p. 148). O autor ressalta ainda:

não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens (LIMA, 2009, p. 122-123).

Esse “sentir na pele” e o mergulho citado por Lima (2009), esteve presente como instrumento inicial durante todo o percurso de recolhimento das histórias presentes no livro, onde eu fiz questão de estar inserida/envolvida junto aos personagens dentro dos coletivos (não sendo possível somente em entrevistas sobre ocorridos que já tinham acontecido, não havendo observação participativa, no entanto eram histórias relevantes e optei por escrever a partir de relatos de personagens).

A observação participativa é outra técnica importante ressaltada por Tom Wolfe, segundo o autor, a mesma consistia no registro dos gestos cotidianos, vestuário, decoração, modos de comportamentos, olhares, poses, estilos de caminhar, etc., e outros detalhes simbólicos que pudessem existir numa cena, simbólicos no sentido geral do status de vida dos sujeitos,

entendendo este termo no mais amplo senso do comportamento e das poses pelas quais as pessoas expressam sua posição no mundo ou o que elas pensam que seja essa posição ou o que gostariam que fosse (WOLFE apud LIMA, 2009, p. 124).

Ao explorar a observação participante e estar inserida diretamente no mesmo lugar que os protagonistas das histórias, conseqüentemente pude melhor detectar e escrever sobre detalhes importantes para a construção das crônicas, detalhes como as expressões dos personagens ou sobre os ambientes.

Para Edvaldo Pereira Lima, através do estilo *New Journalism* foi possível dar o pontapé ao que se chamava por observação participante jornalística, pelo processo de captação abrangente que alguns jornalistas usaram como grandes escritores. É importante ressaltar aqui, o vínculo de inspiração que a crônica pode ter através desse estilo, mesmo que não usando de forma tão aprofundada a observação participante, mas talvez ensaiada, já que a possibilidade é maior em um livro-reportagem, a crônica ainda assim utiliza desses recursos jornalísticos literários.

A descrição presente no texto jornalístico literário atrai o leitor pelo detalhamento proposto na escrita, “entendida como a representação particularizada de seres, objetivos e ambientes” (LIMA, 2009, p. 150). Pode ser classificada em algumas categorias, porém a mais usada no meio do jornalismo literário é a pictórica – que se faz pela soma de detalhes, o observador imóvel em relação ao que é observado (LIMA, 2009). No produto (livro de crônicas), esse tipo de descrição foi bastante utilizado durante o processo de escrita, na tentativa de observar os personagens e descrever de suas reações, gestos e atitudes. Outro tipo de descrição levantada por Lima, é a descrição indireta – reconstituída com o auxílio de fontes – essa foi preciso usar em algumas histórias narradas no livro, onde o personagem me contou do acontecimento e eu posteriormente desenvolvi a escrita, como exemplos as crônicas *Ei a gente existe* e *Subtraídas, porém unidas*.

7.2 Crônica

A palavra crônica tem origem grega (Kronos/Chronus/Cronus) e significa tempo, tem uma definição vinculada à narração, em ordem cronológica dos fatos (SCHEIBE, 2006). De acordo com Beltrão, sua própria etimologia faz a crônica estar visceralmente ligada à atualidade (BELTRÃO, 1980, p. 66), o autor diz que em seu nascimento foi um gênero histórico, e com o tempo evoluiu englobando comentários à narração, deixando um pouco de lado o rigor temporal (o que passa) sobre a atualidade e encaminhou-se para o rigor filosófico (o que atua).

Para Oliveira (2010, p. 200), a partir do século XIX com a difusão da imprensa, a crônica em seu aspecto cronológico caminhou às suas inúmeras possibilidades, em questão de abrangência temática e linguística. A autora ressalta que:

A crônica enquanto gênero é hoje vista como fruto do jornal, nascido em meados do século XIX. A publicação do gênero nos jornais começou timidamente e foi ganhando espaço pela cumplicidade com o leitor e pela facilidade da linguagem empregada (OLIVEIRA, 2010, p. 201).

No cenário brasileiro hoje, José Marques de Melo diz que a crônica é um gênero plenamente definido, o autor ressalta que sua formação contemporânea permitiu que alguns estudiosos a definissem como um gênero tipicamente brasileiro, pois não encontra semelhança na escrita com outros países, enquanto no Brasil a crônica é vista através do relato poético e real, que caminha entre a informação da atualidade e a narração literária; em outros países está vinculada ao antigo formato de narração cronológica e histórica. (MELO, 2003, p. 149).

A crônica é um subgênero do gênero jornalismo literário, identificada como um gênero híbrido, dessa maneira, se apropria de métodos literários para o uso jornalístico. As narrativas trazem fatos do cotidiano, “Ludicamente, o cronista percorre a cidade. Ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações” (SÁ, 2005, p.45). De acordo com Sá, no momento em que o jornalista-cronista pratica a linguagem jornalística e desempenha a função poética, recria a notícia ao captar seu misterioso encantamento (SÁ, 2005, p.32).

Ao captar o cotidiano, as pessoas em suas vidas comuns e toda a realidade que isso traz, a vida através do cronista parece ganhar um encantamento a mais, é possível que o leitor perceba coisas que talvez passe despercebido, pelo fato de ter uma vida corrida ou cansada, “pois a cidade acaba se transformando num espaço sufocante, capaz de poluir os mais puros sentimentos” (SÁ, 2005, p.53). Logo, o repórter-cronista vem com a missão de presentear o seu leitor mostrando-lhe o seu próprio encanto, o encanto que é deixado pelas ruas, nos espaços públicos, etc. “Tal como a poesia, a crônica também ensina que o homem se encontra no que está fora do homem” (SÁ, 2005, p.72).

Jorge de Sá também destaca que a crônica é carregada de sentimentalismo, pois cada cronista tem certo lirismo na veia e transpassa isso em seu texto, “pois é através dos seus estados de alma que eles observam o que se passa nas ruas”. Porém isso não quer dizer que o

cronista fale apenas do que sente e sobre sua percepção, ele se preocupa em causar reflexões ao leitor, ao ponto de haver uma empatia nessa relação de autor e receptor. Afinal, o cronista também está no mesmo espaço que o leitor, vivendo e sentindo do mesmo, é como João do Rio fala em *A alma encantadora das ruas*:

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse pra julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua (DO RIO, 2013, p. 19).

Assim é, o leitor se envolve pela crônica porque ele se sente tão inserido quanto o cronista se pôs a viver e relatar o acontecimento, e o sentimento trazido pela narração os une, como declarou João do Rio. Segundo Sá, o ponto de vista do narrador-repórter – classificado pelo autor como o narrador típico da crônica, que se coloca na posição de quem está a serviço da vida – implica na forma como os acontecimentos atuam sobre ele para, depois, atuarem sobre o leitor, a partir do ângulo escolhido. Logo, o cronista busca ter uma escrita cheia de cuidado, “a estrutura escolhida pelo autor para ensinar, comover e deleitar, através de relatos simples e aparentemente soltos, porém plenos de humanidade” (SÁ, 2005, p.87).

O New Journalism, um estilo de escrita que surgiu nos Estados Unidos nos anos 60 ancorado por Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer, misturava técnicas da literatura com o jornalismo. De acordo com Roberta Scheibe, os acontecimentos do cotidiano passaram a ser narrados com as formas narrativas e percepções literárias. (SCHEIBE, 2016, p. 08). A crônica, como subgênero do jornalismo literário, trouxe em sua linguagem um pouco do estilo New Journalism, porém, em seu estilo, a crônica traz os fatos cotidianos com criatividade, diálogo, opinião e humor.

Do ponto de vista de inspiração que a crônica teve a partir do New Journalism, Lima ressalta quatro recursos técnicos explorados pelo estilo, sendo “o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa; o registro fiel dos traços do cotidiano; a construção cena a cena, contando a história cena a cena e evitando recorrer à narração puramente histórica, e o

diálogo realista envolvendo o leitor” (LIMA, E., 1993, p. 150), de acordo com as características acima, é possível entender que o estilo jornalístico literário se apropria de detalhes do cotidiano que podem enriquecer a narrativa através da descrição, fidelizando o personagem e o lugar que está sendo narrado, oferecendo ao leitor a possibilidade de idealizar em sua mente o que lhe é proporcionado através da leitura. Segundo Scheibe (2006), a crônica é liberta de padrões, marcada pela subjetividade, o que a torna singular ao se opor à impessoalidade e objetividade da notícia.

A crônica já foi estudada tanto por autores de viés jornalístico quanto literário, e está dividida em várias classificações. De acordo com José Marques de Melo:

Na bibliografia sobre crônica brasileira encontramos quatro tentativas de classificação: Luiz Beltrão usa um critério jornalístico; Afrânio Coutinho toma como base a tipologia literária; Massaud Moisés procura uma correspondência com os gêneros literários; Antônio Cândido orienta-se pela estrutura da narrativa (MELO, 1985, p.116).

No produto (livro de crônicas) foram utilizadas quatro subgêneros da crônica, entre eles estão a crônica sociológica, a crônica narrativa, a crônica local e a crônica-poema.

7.2.1. Crônica sociológica

A crônica sociológica tem como características um texto com grande destaque para a narração e descrição, “com influências narrativas e informativas da reportagem de jornalismo literário, onde se visualiza a observação e a reflexão sobre os problemas e as relações sociais” (MARTINS apud SCHEIBE, 2016, p. 52). Scheibe (2016) explica que o conteúdo desse tipo de crônica é mais longo do que os outros, e ressalta que o subgênero está aliado à difusão de narrativas que trazem representações dos interlocutores/personagens, por via de um texto trazido em estilo mais informal, crítico e em tom lírico reflexivo

Esse subgênero teve grande destaque no produto aqui apresentado, pois com ela foi possível desenvolver algumas narrativas maiores, afim de trazer maior reflexão que algumas outras.

7.2.2. Crônica local

A crônica local, de acordo com Beltrão (1980, p. 68), é também conhecida como urbana ou da cidade, o autor desta “glosa a vida quotidiana da cidade, atuando como uma espécie de receptor e orientador da opinião pública da comunidade-sede do jornal”; geralmente era presente em uma coluna fixa do jornal local de uma cidade.

Esse subgênero abordou no livro, histórias em que mostravam problemas que a população passa em relação ao transporte público local.

7.2.3. Crônica narrativa

A crônica narrativa, que segundo Costa é um texto disposto cronologicamente, “organiza-se como uma narrativa, isto é, com começo, meio e fim, personagens, diálogos e ação. Pode narrar fatos verídicos e ficcionais” (COSTA, 2008, p.180).

Já na visão de Afrânio Coutinho (apud Melo, 2003, p. 157-158), a crônica narrativa tem como eixo uma estória ou episódio em proximidade do conto contemporâneo, destacando que não é de ordem obrigatória possuir um começo, meio e fim.

Segundo Ritondale (2009), a crônica narrativa pode aparecer em primeira ou terceira pessoa, predominantemente com a presença de diálogos e exposições, onde haverá um eixo condutor dos fatos em relação às várias situações que se desdobrem. Em sua definição, diz que a história normalmente pode ser leve, divertida e rápida, com personagens do cotidiano.

Na visão de Antônio Cândido (apud MELO p. 159), tem certa estrutura de ficção e marcha rumo ao conto.

Subgênero com maior quantidade de crônicas no livro, pela maior liberdade de escrita que essa apresenta, tornando possível narrar o cotidiano de diferentes maneiras.

7.2.4 Crônica-poema

Segundo Moisés Massaud (apud MELO, 2003), a crônica tem “caráter ambíguo”, oscila entre o poema e o conto, a partir disso apresenta dois tipos, a crônica-poema e a crônica-conto. “No seu entender, o lugar da crônica é o meio-termo entre acontecimento e

lirismo” (MASSAUD apud MELO, 2003, p. 158). O autor diz que na crônica-poema, os autores fazem versos na sua prosa emotiva ou lançam mão de uma estrofe para encerrar o texto; ou, é possível escrever a crônica totalmente em verso, como Carlos Drummond de Andrade fazia em alguns de seus textos.

De acordo com as classificações trazidas por Dileta Silveira Martins (FERREIRA, 1990, p. 25), outra definição para a crônica-poema é que ela abarca uma multiplicidade temática; pode ser chamada também de “poema em prosa” ou “crônica-digressão”.

Subgênero com apenas uma crônica presente no livro, mas com grande importância, pois trouxe uma narrativa mais direta retratando o tema, além de levar uma diferente carga visual em relação à diagramação.

7.3 A linguagem jornalística

A apuração é um dos requisitos básicos na elaboração de qualquer produto jornalístico, ela envolve responsabilidade profissional, pois está presente numa carga de comprometimento com a notícia e como esta chega à sociedade. Ela consiste no processo de produção no momento em que se busca informações necessárias para o texto final. Segundo Luiz Costa Pereira Júnior, no jornalismo “construir sentidos é reduzir incertezas” (PEREIRA JÚNIOR, 2011, p. 70), para o autor, é impossível que a realidade seja contada por inteiro, o que se pode é, ao noticiar, selecionar fatos para organizar sentidos, sendo dever do jornalista sedimentar uma realidade sólida ao leitor. “Seu trabalho é categórico: um fato ocorreu deste jeito, não de outro” (PEREIRA JÚNIOR, 2011, p. 70-71), ressalta Pereira Júnior.

Aos olhos da apuração, o repórter entende como desafios encontrar evidências em diversas versões, buscar pelas certezas em circunstâncias de incerteza (PEREIRA JÚNIOR, 2011). Um exemplo citado pelo autor Pereira Júnior foi o caso *11 de setembro*, quando noticiários brasileiros estampavam capas de jornais – *Folha de São Paulo*, *O globo* e *O Estado de São Paulo* - anunciando mortes entre 6 a 10 mil pessoas, o resultado posteriormente mostrou pouco mais de 3 mil mortes. Nesse caso, o pouco uso da apuração levou informação

falsa aos leitores, erro gravíssimo para o jornalismo em relação à sua grande influência nas massas.

É preciso entender que o jornalista precisa correr atrás das muitas fontes, ir para a rua, encontrar a verdade e o real à sua frente para melhor conseguir explorar as informações que lhe são dadas, e então assumir seu ofício de passar a notícia, os relatos, e ir além, assumindo sua responsabilidade social. Consolidar,

O jornalista, por princípio, não é o testemunha daquilo que o leitor não pôde ter acesso. É um processador das camadas verificáveis da realidade – não raro limitado à posição de verificador de fatos inacessíveis de forma direta, como o 11 de setembro foi para as redações brasileiras (PEREIRA JÚNIOR, 2011, p. 71).

A busca por fontes e entrevistas, proporciona uma abordagem mais apurada à reportagem, a informação prestada ao leitor é consolidada através desses métodos de captação. Nilson Lage destaca que poucas matérias se originam integralmente apenas pela observação direta (tratando-se do jornalismo factual), segundo o autor, as fontes são instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público (LAGE, 2014, p. 49).

No livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* de Nilson Lage, o autor apresenta alguns modelos de comunicação em relação às fontes, como o modelo criado por George Gerbner (1956), também apresenta a Teoria dos Modelos, e a Teoria da Cognição, a que será aqui abordada. Segundo Nilson Lage, em seu âmbito, esta:

[...] modelos mentais são concebidos como entidades computáveis e finitas, construídas a partir de elementos que representam objetos e de relações. Esse é o objeto essencial ou básico a que se reportam as mensagens da fonte e repórter (LAGE, 2014, p. 54).

A partir da teoria, é possível entender que as fontes podem ser mentirosas, mas não é o esperado. Logo se é levantado duas especulações: por que é esperado que alguém preste

informação à um estranho, se não se ganha com isso?’ e ‘por que se tem confiança em alguém que, predisposto à responder, não inventará qualquer resposta?’. Dentro da teoria, as perguntas são respondidas por teóricos diferentes, sendo a primeira por cientistas sociais como Lazarsfeld, Merton e Kennedy, que na década de 30, 40 e 50 estudaram a comunicação humana. Eles dizem: “os homens consideram crucial ser aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas” (LAGE, 2014, p. 55), de acordo com Lage, os cientistas supõem que esses sujeitos se moldem dessa maneira desde a primeira infância, ao longo do processo de socialização. O autor ainda ressalta que esse processo inclui formas de tratamento, reciprocidade na troca de informações, ostentação de sinceridade e argumentação em defesa dos próprios interesses (LAGE, 2014, p. 55). O segundo questionamento é melhor respondido pelo teórico Paul Grice, citado na obra de Lage (2014), que traz uma série de máximas (As máximas de Grice), o procedimento-padrão de pessoas envolvida numa conversa de boa-fé (bonafide). Lage (2014) explica que Grice quis esclarecer que toda conversação depende do que um dos envolvidos pensa que o outro pretende, ou seja, do que o personagem pensa que o repórter pretende, ou vice-versa. Logo, se ambos pretendem ter boa-fé, o resultado será atender às máximas que um espera do outro. Os 4 elementos trazidos são: 1 – Máxima de quantidade: fazer contribuição informativa necessária, não mais do que lhe foi perguntado; 2 – Máxima de qualidade: responder às perguntas verdadeiramente, dando sua contribuição; 3 – Máxima de relação: sendo relevante; 4 – Máxima da clareza: sendo breve e claro. Das quatro citadas, as que mais foram exploradas no produto deste memorial, foram a segunda e a terceira, onde os personagens externavam relatos de suas versões da verdade e relevantes em relação às situações vividas diante do transporte público local.

Em seu resumo, Lage ressalta que o resultado de uma consulta à fonte, depende da intenção que essa atribui ao repórter. Se acha que o repórter pode dar oportunidade dessa fonte defender seus interesses/direitos (geralmente pessoas comuns, pobres, etc.), colocará em questão suas reivindicações e reclamações em entrevistas; se acha que o repórter pode ser uma ameaça (frequente em relação à autoridades, políticos, empresários que tem algo a esconder, etc.), poupará em suas respostas. O autor Nilson Lage salienta que em todos os casos, o jornalista precisa estar qualificado como interlocutor, para não ser subordinado nem inquisidor, e sim “um ouvinte, uma testemunha, um profissional da informação” (LAGE, 2014, p. 58). Logo, Lage complementa que o bom jornalista é aquele que, diante da fonte, em

sua maior parte do tempo está prestando atenção ao relato e interfere o mínimo possível, diz ainda que a melhor aparência é a neutra e convencional, incluindo adaptação ao ambiente.

Quanto à categorização de fontes, Nilson Lage (2014) nos traz algumas classificações. Quanto à natureza, elas podem ser 1- oficiais, oficiosas e independentes; 2 - primárias ou secundária; ou 3 - testemunhas e experts. Durante o presente trabalho, foram utilizadas principalmente as fontes primárias, “são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números” (LAGE, 2015, p. 65-66). Neste caso, essas fontes eram os passageiros, trabalhadores, ambulantes, ou seja, qualquer pessoa que estivesse presente vivenciando o cotidiano que cercasse o transporte público (ônibus). As fontes independentes, também se encaixam no perfil dos personagens abordados nas crônicas, essas fontes também são conhecidas como “agentes espontâneos e desvinculados de qualquer interesse” (LAGE, 2014, p. 65).

O autor também aborda sobre o jornalista como fonte, como o intermediário entre os acontecimentos presentes na narrativa, ele “está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar” (LAGE, 2014, p.69), desempenhando a tarefa com inteligência.

De acordo com Nilson Lage, a entrevista é uma expansão da consulta às fontes, pretendendo a coleta de interpretações e reconstituição de fatos (LAGE, 2014, p. 73), sendo o procedimento clássico para apuração de informações. Segundo o autor, a palavra entrevista é ambígua, sendo: 1 – qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; 2 – uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimento ou informações de interesse para o público; 3 – a matéria publicada com as informações colhidas em (2). (LAGE, 2014, p. 73).

Nilson Lage (2014) ao apresentar os tipos de entrevista, ressalta os itens a partir do ponto de vista dos objetivos e quanto às circunstâncias. Em relação ao produto (livro de crônicas), podemos identificar o primeiro ponto (objetivo) com a *entrevista em profundidade*; e quanto ao segundo (circunstância), identificamos a *entrevista ocasional*. A primeira (em profundidade) se caracteriza por abordar não um tema em particular, mas a figura do entrevistado e a representação do que este constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser. Nesse caso é possível realizar uma novela ou ensaio sobre o personagem a partir dos seus relatos ou impressões; A segunda (ocasional), tem como

característica não ser programada, ou não combinada previamente. Nesse momento, o entrevistado pode ser questionado sobre algum assunto e o resultado pode ser interessante, sem ter se preparado ou estar preso ao compromisso de qualquer relevância (as máximas de Grice), logo, esse tipo de entrevista pode encontrar respostas mais sinceras do que se houvesse aviso prévio. Segundo Cremilda Medina, “colher informações e declarações no real imediato não se restringe, pois, à objetivização da entrevista, mas principalmente à subjetivação da interação humana ali representada” (MEDINA, 1996, p. 224).

Segundo Lima, a entrevista é um dos maiores instrumentos de captação, do qual se conduz por um aspecto de humanização, interativo entre entrevistador e entrevistado. Entendendo que por intermédio do jornalista, essa interação é referenciada igualmente entre leitor e personagem dos acontecimentos e situações, que naquela circunstância do diálogo é o representante do público.

Seu papel, quando bem sucedido, é o de tanto criar identificação e projeção quanto o de estabelecer um distanciamento crítico consciente, vívido. Em outras palavras, sua missão é estimular, criar um clima autêntico de conexão entre entrevistado e receptor. É auxiliar a compreensão real mas também colocar a dose adequada de emoção, sem a qual nenhum ato comunica na dimensão humana o que o jornalismo pretende (LIMA, 2009, p. 90).

Ou seja, o jornalista tem como função levar a informação e saber oferecer uma dinâmica onde, seja em forma de diálogo ou não, o receptor/leitor irá receber e sentir-se inserido naquela notícia, representado pelo sujeito que prestou entrevista, um sujeito comum como ele, que passa pelas mesmas situações no dia-a-dia ou sofre dos mesmos problemas no cotidiano.

Para Cremilda Medina, a entrevista pode seguir dois caminhos, o primeiro é se esgotar na objetividade de perguntas feitas e respostas empostadas, e a segunda é ingressar na subjetividade como um processo de interação social criadora (MEDINA, 1996). A autora ressalta sobre a segunda opção:

Por ser um processo cuja riqueza justifica todas as mazelas do cotidiano profissional. Conhecer uma pessoa, seja ela anônima ou nomeada pelo

prestígio, poder ou saber, representa sempre para o aprendiz da humanidade; que por acaso pode ser um mediador social; um ensaio fascinante de ensaio-aprendizagem (MEDINA, 1996, p. 223).

Medina assim quis dizer que, repórter e entrevistado tem na entrevista a oportunidade de trocar e doar saberes, em qualquer aspecto que seja, falando sobre uma especialidade ou sobre simples fatos do cotidiano, o jornalista ao receber informações e escutar desses sujeitos, está percorrendo “labirintos de autoconhecimento” (MEDINA, 1996, p. 223). A autora afirma que ambos se modificam através dessa troca, que é fundamental no relacionamento de um indivíduo com o seu próximo. “A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação “eu-tu”, e não em termos de relação “eu-isto” (MEDINA, 1996, p. 223).

7.4 O jornalismo humanizado

No jornalismo, ao pensar em cotidiano e nos sujeitos comuns (“homem ordinário, herói comum, personagem disseminado, caminhante inumerável” (DE CERTEAU, 2014, p. 55)), os que carregam significados ao construir acontecimentos diários; é preciso ressaltar a importante questão de inserção destes dentro das narrativas. O jornalista, pelo ofício e responsabilidade que se deve à profissão, ao abordar sobre os fatos que afetam à sociedade, precisa olhar humanamente para os ordinários, estes são os que devem ser primeiramente escutados e posteriormente ter uma voz, pois são os que estão inseridos nos cotidianos, vivendo tal realidade abordada nas pautas jornalísticas. “É preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2013, p.130).

Foi a partir deste ponto de vista, que pude desenvolver o presente produto (livro de crônicas), mostrando estes ordinários e suas vidas reais, seu verdadeiro dia-a-dia, seus acontecimentos e “desacontecimentos”. Assim, realizar a tentativa de ouvir e mostrar os pontos de vista que jamais foram abordados, como citou Pena (2013).

Os jornalistas, em sua maioria, estão sujeitos a seguir o padrão jornalístico encontrado nas redações, ou talvez desde as academias; amarrados a um modelo ditado que não lhes

permite trabalhar de forma mais aprofundada de conhecimento ao personagem, ou explorar outros recursos de narrativas como as encontradas no jornalismo literário. De acordo com Cremilda Medina:

Há, sim, uma insatisfação latente nos profissionais mais sensíveis diante das rotinas técnicas que comandam a produção de significados nas empresas, instituições e grupos organizados nas sociedades contemporâneas (MEDINA, 2003, p. 48).

Foi por querer fugir dessa rotina técnica que quis concretizar este trabalho, onde, através da academia posso desenvolver um trabalho experimental deste poste. A ausência de um jornalismo mais subjetivo é sentida, tanto para o jornalista quanto para o leitor, que muitas vezes não se sente representado nos noticiários pela falta da sua própria voz, ou de um cidadão comum assim como ele. Mas onde podemos encontrar essas vozes? Onde elas estão inseridas? “A construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos contadores anônimos” (MEDINA, 2003, p. 74). De acordo com Medina (2003), para o leitor, há carga de significação em uma narrativa que contenha identificação com o anônimo e suas histórias de vida, ou seja, a reportagem ganha sedução quando tem como protagonista pessoas comuns que vivem as lutas encontradas no cotidiano (MEDINA, 2003, p. 52). Ao “seduzir” o leitor e fazê-lo sentir-se inserido nas narrativas, o jornalista pode dizer que teve um de seus ofícios cumpridos, pois, de acordo com Silva (2010), “o jornalismo tem como papel fundamental difundir conhecimento e não ficar na superfície das coisas, pois a humanização é intrínseca do jornalismo, e a notícia precisa sensibilizar para não ser anulada” (SILVA, 2010, p. 12). Assim, quis incrementar ao jornalismo amapaense um novo produto que, de forma humanizada abordasse a temática do transporte público trazendo como protagonistas pessoas comuns (ordinários do cotidiano).

Conhecer o personagem e sua história de vida, faz com que o jornalista destaque sua sensibilidade no momento da apuração. Ao estar com esse entrevistado, demonstrar o interesse a ele e transpassar que sua fala é importante ao tema tratado, fará com que as perguntas fluam e o envolvimento entre ambos poderá ser recíproco. Sobre esse momento, Cremilda Medina ressalta que:

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para *sentir* quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária a do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado (MEDINA, 1986, p. 30-31).

A autora quis enfatizar que, sobretudo, é preciso demonstrar respeito ao entrevistado, à esse humano que está a frente do repórter relatando sobre algo relevante para ambos. Durante o trabalho, ao conversar e entrevistar aos passageiros de ônibus/trabalhadores do transporte/ambulantes, usei da sensibilidade citada pela autora para chegar à esses personagens e conhecer de suas histórias, essas que têm grande relevância diante da sociedade.

Segundo Chaparro (apud Martinez, 2008), os personagens de romances têm o que falta aos protagonistas dos relatos burocráticos do jornalismo que renunciou aos recursos literários: são gente. “Têm a força, a poesia, as contradições e os dramas de seres humanos que vivem, e por isso sonham, amam, sofrem... e conseguem manifestar isso com jeitos próprios de dizer” (CHAPARRO apud MARTINEZ, 2008, p. 41), ou seja, não é posto nas narrativas jornalísticas, mas as pessoas da vida real também vivem, sentem, e diariamente constroem vivências, são singulares, tem muito a falar e contar subjetivamente. O autor ainda ressalta que no jornalismo impresso, os entrevistados possuem um estilo de falas que segue o estilo do próprio jornal impresso, e não o estilo individual que cada personagem deveria ter através de sua singularidade.

Mas a responsabilidade do jornalista ultrapassa a percepção de simplesmente encontrar o encantamento no anônimo, além de ver e mostrar esse sujeito comum, é preciso ir também ao encontro do “que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa” (MEDINA, 2003, p. 48). Cremilda Medina (2003) enfatiza que expor um texto que mostre o dramático presente na história é, de início um “exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e da construção de oportunidades democráticas” (MEDINA, 2003, p. 48), onde o jornalista se firma como humano com responsabilidade, pois ele deseja contar a história atual com abordagem social. Traçando também uma poética intimista, que aflora de si e do inconsciente dos contemporâneos (MEDINA, 2003). Logo, o jornalista

assume um compromisso de desenvolver um papel social frente à sociedade, não para ser visto como herói, pois o herói é o anônimo, o que passa por esse sofrimento social (marginalização) citado por Medina (2003). O jornalista apenas usa de seu poder de informação para fazer jus ao seu ofício, o de informar, com responsabilidade. Assim foi possível praticar dessa responsabilidade profissional, ao retratar temas de minorias através de crônicas sociológicas presentes no livro.

Um ponto importante a ser enfatizado, é a invisibilidade observada por Michel de Certeau (2014), o autor ressalta que, lentamente os representantes que antes simbolizavam grupos, acabam por se apagar da cena, se perder no tempo. Esquecidos, virando apenas números, perdidos em quantidade. O autor destaca que:

Trata-se de uma multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém. Rios cifrados na rua (DE CERTEAU, 2014, p.55).

A idéia do autor vai de encontro ao jornalismo que trabalha com a objetividade, que pouco aprofunda, que não qualifica o relato dos sujeitos, que não o mostra como ordinário, tendo sua vida e significação perdida. Diferente do jornalismo que aqui chamamos de humanizado, esse que trabalha subjetivamente, na busca por mostrar esses heróis do cotidiano, que são sim, símbolos de representatividade na sociedade. É como explica Medina (2003), em *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*, a autora define a narrativa como uma resposta humana diante do caos.

Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p. 47-48).

Tratando-se dessa necessidade vital, pude através do gênero crônica, relatar a vida desses ordinários, onde estes serão modelos de representatividade para outros sujeitos, modelos em suas produções de sentidos, sendo então, heróis do cotidiano. Qualificados e não quantificados, encontrados e com suas histórias expostas, carregadas de beleza, sendo de alegria ou tristeza.

8. METODOLOGIA

Como método para o produto (livro de crônicas), foi utilizada a linguagem jornalística por meio do gênero crônica, que é tanto um gênero opinativo do jornalismo brasileiro, quanto um subgênero do jornalismo literário (que mistura a observação do autor, a relatos jornalísticos sob um ponto de vista) (LIMA, 1993). O método tinha como objetivo humanizar os relatos trazidos nas histórias apresentadas no livro, e de maneira livre, usar a escrita não convencional jornalística, abrangendo também o formato literário, trazendo a possibilidade de uma narrativa diferente, fazendo o leitor se indagar sobre seu próprio cotidiano.

Com base em Jorge de Sá (1985), é preciso ressaltar a importância da crônica ao se apropriar de temas do cotidiano com as relações humanas e urbanas. Em seu livro “A crônica”, traz o trecho de um texto de Fernando Sabino que exemplifica a expressividade do gênero quando utilizado:

A vida diária se torna mais digna de ser vivida quando a convivência com outras pessoas nos leva a olhar para fora de nós mesmos, descobrindo a beleza do outro, ainda que expressa de forma simplória, quase ingênua, mas sempre numa dimensão que ultrapassa os limites do egocentrismo. Assim, quando o cronista fala de si mesmo (Sá, 1985, p.22).

Foi pensando nesse olhar aprofundado e na livre escrita que a crônica tem como característica, que o gênero veio a ser escolhido para narrar as histórias. Utilizei dessa liberdade em escrita para poder usar de artifícios narrativos como em primeira ou terceira pessoa, na abertura de travessões em diálogos ou entrevistas, na inserção de uma narrativa poética ou objetiva, dura ou irônica, crítica ou humorística, mas sempre fiel aos fatos cotidianos e às histórias dos personagens. De acordo com Sá, sobre essa técnica:

Nos deleitamos com a essência humana reencontrada, que nos chega através de um texto bem elaborado, artisticamente recriando um momento belo da nossa vulgaridade diária. Mas esse lado artístico exige um conhecimento técnico, um manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade (Sá, 1985, p.22).

Ao criar consciência de tal técnica, foi preciso o aprofundamento na delimitação de alguns subgêneros da crônica. Destes, os principais subgêneros utilizados foram: a crônica local, sob a perspectiva de Beltrão, também conhecida como urbana ou da cidade, de acordo com Beltrão (1980), o cronista mostra a vida cotidiana da cidade, e atua como um receptor e orientador da opinião pública de uma comunidade através do jornal local; a crônica narrativa, que segundo Costa é um texto organizado cronologicamente, “o texto organiza-se como uma narrativa, isto é, com começo, meio e fim, personagens, diálogos e ação. Pode narrar fatos verídicos e ficcionais” (COSTA, 2008, p.180); a crônica sociológica que, de acordo com Scheibe, tem como característica um texto com grande influência da narração e descrição, com o uso de lirismo reflexivo e/ou ironia, “onde se visualiza a observação e a reflexão sobre os problemas e as relações sociais” (MARTINS apud SCHEIBE, 2016, p.52).

Como aporte metodológico ao produto, também foram utilizadas ferramentas da linguagem jornalística, como a entrevista, que é tida como um dos principais gêneros do jornalismo, segundo Bahia, também é chamada como “reportagem provocada”. “Na maioria dos casos, a entrevista consubstancia propriedade, interesse humano, atualidade, comprovação, originalidade e concisão tais que ser torna difícil distingui-la da reportagem.” (BAHIA, 2009, s/p). Para Medina (1988), a entrevista não é um simples jogo de perguntas e respostas, a relação/interação entre entrevistado e entrevistador pode carregar significações de afeto, resultando numa maior fruição entre ambos, com melhor efeito na entrega de informações por parte do entrevistado. Sobre este jogo interativo, a autora também se baseia em Edgar Morin:

A entrevista é sempre uma intervenção orientada como comunicação de informações. Mas seu aspecto mais importante é sem dúvida a reação psicoafetiva que se processa paralela à informação.” O reforço do artigo gira

em torno do relacionamento e da interação momentânea de duas pessoas que se encontram numa situação pouco propensa à espontaneidade: “[...] tudo na entrevista depende de uma alteração entrevistador/entrevistado, pequeno campo fechado onde vão se confrontar ou associar gigantescas forças sociais, psicológicas e afetivas (MORIN apud MEDINA, 1988, p.88).

De acordo com Lage, do ponto de vista objetivo, a entrevista pode ser dividida em quatro tipos, uma delas classifica-se como “entrevista em profundidade”, que não tem como objetivo se atentar a um tema ou acontecimento específico, seu interesse é a figura do entrevistado, sua representação e construção de mundo, “uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (LAGE, 2014, p. 75).

Outra possibilidade metodológica para o produto foi a observação e apuração jornalística, onde o campo (transporte público, paradas de ônibus, terminais) foi diversas vezes observado sobre um ponto de vista mais crítico, buscando o conhecimento de pautas/assuntos relevantes para relatar nas crônicas, com base também nas minhas próprias vivências como cidadã. “O cronista percorre a cidade. Ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações” (SÁ, 2005, p.45). A partir daí, a apuração começou a se encaminhar, por meio de conversas informais para entender a consistência de alguns temas, como exemplo a superlotação nos ônibus, “Ao desafio da apuração de informação, se impõe também o desafio do relato” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p.16).

Logo, a apuração precisa que o jornalista vá além do telefone e da internet para caminhar ao encontro do “desafio do relato”, ele precisa da prática fora das redações, é necessário que o repórter “sinta o cheiro da rua, presencie, estabeleça relações e comparações a partir da observação direta, suje os sapatos...” (SILVA, 2010, p. 27). Ao estar nas ruas, o jornalista também terá mais domínio sobre a observação e posteriormente também sobre a narrativa.

A categorização de fontes se desenvolveu como método no estudo do produto. De acordo com Nilson Lage (2014), quanto à sua natureza, as fontes podem ser classificadas como: a) oficiais, oficiosas e independentes; b) primárias ou secundária; ou c) testemunhas e experts. Neste trabalho são usadas as fontes primárias, que “são aquelas em que o jornalista se

baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números.” (LAGE, 2014, p. 65-66). No caso das narrativas de transporte público, as fontes serão os passageiros, os trabalhadores, qualquer pessoa que esteja nesse campo vivenciando as situações em seu dia-a-dia e são essenciais a esse lugar. É preciso destacar também o uso dessas fontes em outra categoria, conhecidas como “independentes”, que de acordo com Nilson Lage, são “agentes espontâneos e desvinculados de qualquer interesse” (LAGE, 2014, p. 65).

Algumas crônicas foram escritas com base apenas em minha observação. Lage diz que o jornalista pode ser fonte, e o vê como o intermediário entre os fatos ocorridos, o texto jornalístico e o leitor, pois o jornalista “está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar” (LAGE, 2014, p.69), ou seja, pode com muita clareza narrar fatos a partir de sua percepção, escutando conversas, vivenciando fatos recorrentes no campo, etc.

Por fim, para o produto, foram utilizados os aportes específicos da narração e descrição, técnicas oriundas da linguagem presente nas crônicas e demais gêneros de jornalismo literário. Assim sendo, utilizei em muitas crônicas o aspecto emocional e ambiental (LIMA, 2009) para melhor relatar as situações de cotidiano no transporte público. Sobre a descrição presente no texto jornalístico, Edvaldo Pereira Lima a destaca como um atrativo ao leitor pelo detalhamento que proporciona à escrita, quando o jornalista observador anima, destaca e mostra ao leitor suas percepções de determinado personagem, objeto ou ambiente, ele pode criar uma nova visão ou perspectiva ao leitor, e também inquietar, questionar, e fazê-lo refletir. Ou seja, o observador conduz o leitor a um espaço onde a descrição, carregada de emoção, serve não somente para detalhar uma situação, mas também fazer lembrar um passado, provocar nostalgia. Dessa maneira tentei relatar em algumas crônicas, trazendo o maior detalhamento possível sobre a percepção que tinha dos personagens e ambientes.

Em relação à metodologia do memorial, usou-se a análise qualitativa, que se preocupa com o nível de realidade que não se pode ser quantificado, ela “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO apud BERETTA, 2016, p.189). Também realizei pesquisa bibliográfica no memorial, para dar conta do arcabouço técnico empregado no produto do projeto experimental.

Em relação à metodologia da análise qualitativa, a etnográfica – que empreguei no produto - foi a que mais se aproximou dentro da minha pesquisa, onde se encontra a técnicas

como a observação direta e a entrevista. A observação direta “é aquela que o pesquisador procede diretamente ao recolhimento das informações” (MARAFON, 2013, p. 165), nesse método, é possível observar pessoalmente determinadas ou específicas situações, sem influenciar ou participar de qualquer maneira. É como estar dentro de um ônibus, ver as dificuldades de um cadeirante e apenas observar. Já em relação à entrevista, podemos ressaltar as entrevistas não estruturadas, “o informante discursa livremente sobre o tema que lhe é proposto.” (MARAFON, 2013, p. 214), ou seja, são conversas que fluem de maneira mais livre, podendo abordar temas de acordo com o seu surgimento. Usando o exemplo citado acima, a entrevista não estruturada faria o observador abordar sobre o tema com o cadeirante, usando assim dois métodos da pesquisa qualitativa etnográfica.

A problematização teórica do referencial bibliográfico está em autores como Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena, Roberta Scheibe, José Marques de Melo, Jorge de Sá, Luiz Beltrão, Luiz Costa Pereira Júnior, Nilson Lage, Cremilda Medina e Michel de Certeau.

9. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto deste memorial é o Livro “Matemática dos palmos injustos: livro de crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense”, que retrata histórias cotidianas de pessoas que vivem nas cidades Macapá e Santana no estado do Amapá e usam o transporte coletivo para se locomover nas/entre as duas cidades.

Os personagens são passageiros, motoristas, cobradores, vendedores ambulantes, etc. Por meio de suas histórias de vida e vivências nos ônibus, é possível conhecer um pouco da realidade local atrelada a esse transporte. Pode-se perceber nas crônicas um apanhado da história e cultura (crenças, costumes, valores e jeito de ser) amapaenses, visitando as relações que esses personagens constroem uns com os outros. São exemplos destas relações: uma pessoa oferecer o assento para uma grávida ou idoso; alguém dar dinheiro a uma pessoa que necessita de doações e faz esse pedido dentro do transporte público; o motorista de ônibus não parar o veículo a um deficiente físico ou mental; a violência de gênero que ocorre dentro dos coletivos; a relação entre passageiros e vendedores ambulantes; mostrando os problemas enfrentados cotidianamente - como a falta de acessibilidade, o desrespeito, preconceitos, o afeto, amizade, lutas, resistências -, acontecimentos inusitados ou inesperados. O trabalho foi

inspirado no livro “A vida que ninguém vê” de Eliane Brum (2006), onde a jornalista-cronista busca o extraordinário em pessoas anônimas, mostrando que sujeitos comuns têm sempre uma boa história de vida para contar. Pela mesma autora também me inspirei no texto *A floresta das parteiras* (Revista Época, 2010), que faz uma narrativa subjetiva e adiciona dados estatísticos para o enriquecimento de argumentos.

Outra inspiração foi a inserção de letra de música como contexto literário na última crônica - *Palmos justos injustos*, Caco Barcellos faz uso de citações musicais logo na primeira página do seu livro “Abusado: o dono do morro Dona Maria”, que embora seja um livro-reportagem, tem traços do gênero crônica, como o uso livre de parênteses em conversas e inserção de música/poema. A mesma obra também serviu como modelo na utilização de travessões em falas mais longas. Já os travessões em falas curtas, foram inspirados no texto “Misto quente” de Charles Bukowski, trazendo em minhas crônicas um bate-papo de perguntas e respostas rápidas com frases curtas de uma linha com alguns personagens, como no começo do diálogo da crônica “Entre a dor e sol”.

O processo de criação se iniciou de forma tímida, apenas na observação e com pequenas anotações no primeiro semestre do ano de 2014, quando comecei a elaborar o pré-projeto. A observação se resumia ao comportamento das pessoas que circulavam nesse transporte público, nos terminais e paradas de ônibus, eram observadas suas expressões, atitudes, os objetos que carregavam, suas interações com o outro, suas falas/conversas, os olhares, etc.

Após o pré-projeto ser defendido e aprovado, em agosto do mesmo ano busquei histórias, iniciei pequenas conversas com passageiros, trabalhadores das linhas de ônibus, vendedores ambulantes, etc. Algumas ideias surgiam e eram anotadas, um exemplo foi o tema “pais e filhos”, quando observei quatro diferentes casos com essa abordagem (um casal e dois filhos; uma mãe e um filho pequeno; uma mãe e uma filha deficiente; uma mãe e uma filha adolescente), no entanto ainda não tinha um foco sobre o que retratar, apenas observava como fazia com muitas pessoas, imaginando possibilidades de narrativas, até que meses depois em uma conversa informal com uma vizinha - havia passado por uma situação delicada com sua filha em um ônibus - vi que poderia finalmente mexer numa narrativa que abordasse personagens que compunham uma família, além de engatar num gancho sobre acessibilidade

à deficientes. E assim nasceu a crônica “A história de uma menina que se divertia viajando no ônibus”.

A primeira crônica a nascer foi “A vida e um bombom” em dezembro de 2014, desde então, até maio de 2017 estive na busca desses personagens. Percebi que alguns temas nem sempre viriam de maneira fácil ou rápida, às vezes precisava de um pouco de sorte, como ao encontrar no ônibus o peruano que passava uma temporada em Macapá e levava sua música no transporte público, foi ao acaso. Precisei utilizar de outros meios – internet - para chegar a histórias de pessoas que viveram ou presenciaram agressões físicas ou verbais dentro dos coletivos, assaltos, entre outros temas. Essa primeira crônica veio a mim de forma muito natural, estava em um ônibus, observei o vendedor ambulante e desci juntamente com ele para poder entrevistá-lo. Durante esse tempo de mais de dois anos, precisei amadurecer muitas ideias, como a escolha de personagens e temas, alguns conteúdos foram excluídos (como as anotações sobre pais e filhos, citada acima). Todas as crônicas foram refeitas pelo menos uma vez, algumas chegaram a um número de quatro edições.

Ao montar o pré-projeto para o TCC, já tinha em mente alguns temas de abordagem crucial, pelos fatos de eu como viajante presenciar diariamente a falta de um sistema mais eficiente de transporte público. Coloquei em pauta problemas como a falta de acessibilidade, gratuidade para idosos e deficientes, assaltos, taxa de aumento de passagens, a vida de vendedores ambulantes, entre outros. E embora alguns temas possam parecer muito certos e precisos, o encontro a alguns personagens foi muito ao acaso, como exemplo a senhora da crônica “Uma sombra emprestada”, onde a encontro casualmente em uma parada de ônibus e sua história me faz desenrolar outros fatores como o acesso do idoso à gratuidade, logo, pude mesclar no texto o nosso diálogo, falar da sua gentileza e ainda embarcar no tema que envolve um problema social.

Das vinte e uma crônicas, em quinze delas houve participação de diálogo direto com os personagens e as outras seis foram apenas observação. Aconteciam fatos, eu observava e guardava na memória ou às vezes conseguia fazer anotações em cadernos ou celular, prestava atenção nas falas, nos detalhes dos personagens, suas expressões, emoções, objetos pertencentes, etc; tal qual a ideia do flaneur, de um cronista que está presente na cidade e a observa (BARROS; FREHSE; BARREIRA apud SCHEIBE, 2016). E escrevia a crônica ao

ter contato com um computador, ou às vezes escrevia à mão e depois passava para o computador. Dos quinze entrevistados, nove personagens tinham ciência do trabalho como pesquisa, marquei entrevistas, escutei suas histórias gravando os áudios de relatos, após isso fiz decupagem e escrevi as crônicas; os outros seis relatos desse total de quinze foram apenas conversas informais dentro do ônibus e em paradas, onde precisei memorizar e escrever depois, lembrando dos detalhes.

É importante ressaltar que foi um campo difícil para encontrar personagens, levando em conta que quando falamos em fontes não oficiais, também conhecidas por fontes independentes de acordo com Nilson Lage (2006, p. 65) - agentes espontâneos e desvinculados de qualquer interesse— torna-se um pouco mais delicada a abordagem para falar de um cotidiano que é carregado de problemas. Deixando claro que não é pela falta de personagens ou abordagens, mas sim pela forma de chegar a esse personagem. Muitas vezes, uma conversa começa informal, mas depois é difícil fazer com que o personagem fale sobre determinado tema, que, para o entrevistado, algumas vezes pode ser constrangedor ou desconfortável. Lembro de quando abordei o senhor Manoel para falar sobre a venda de bombom no transporte público, e ele demonstrou certa resistência ao falar da relação com os motoristas.

Sempre estive presa a encontrar ocasionalmente esses extraordinários, e eles de fato estavam sempre presentes no meu dia-a-dia, no entanto precisei de muito cuidado para conseguir um pouco de suas vidas, vivências e experiências.

Alguns temas foram pensados e escolhidos a partir da grande carga de relevância social que esses carregam, como exemplos os casos de violência de gênero, homofobia e desrespeito a pessoas grávidas; temas importantes que estão presentes no dia-a-dia e merecem ser mencionados em trabalhos como este. Porém não era tão fácil para mim como repórter, vivenciar o momento exato em que esses aconteciam. Diante disso, precisei fazer publicações em redes sociais para conseguir personagens, e com isso, escutei seus relatos e os transformei em crônica. Pedi para essas pessoas explorarem ao máximo sua memória sobre os acontecimentos, o cenário e pessoas ao redor, esmiuçando o maior detalhamento possível. Dos temas tratados através dessa percepção de relevância social, o único que tive a sorte de presenciar, foi o que retrata um caso de racismo.

O livro contém 21 crônicas, como já foi dito. A ordem dos textos foi pensada de acordo com os eixos temáticos produzidos, ou seja, ajustando as crônicas por grupos temáticos poderia facilitar a busca de sentido para o leitor. O primeiro grupo (crônicas 1 a 4) teve como eixo fazer apresentação de um pouco da identidade cultural amapaense através da narrativa e de alguns personagens. O segundo grupo (crônicas 5 a 8) surge tentando trazer impacto ao livro, mostrando as relações sociais dentro do transporte público amapaense, abordando temas como LGBTfobia, racismo e violência de gênero. O terceiro grupo (crônicas de 9 a 12), mostra a vivência de pessoas que se usam do coletivo para ganhar sua vida e dinheiro, como vendedores ambulantes, artistas e pessoas que pedem doações. A décima terceira crônica poderia se encaixar no primeiro eixo temático, mas ficou nessa posição para dar um respiro ao leitor pela forma humorística. O quarto grupo (crônicas de 14 a 20) traz como tema a relação entre passageiros e trabalhadores das empresas de ônibus, revelando afinidades e antipatias entre os mesmos. A última crônica se encaixaria no primeiro eixo temático, mas ficou nessa posição porque vem com a ideia de dar desfecho ao livro, brincando com a “matemática dos palmos injustos”.

O livro foi dividido em cinco subgêneros de crônica, sendo eles, o subgênero local (com um número de cinco crônicas), que, segundo Beltrão (1980, p. 68), também é conhecida como crônica urbana ou da cidade, onde o cronista retrata a vida cotidiana na cidade; o subgênero narrativo (totalizando onze crônicas), essa, de acordo com Costa (2008, p. 180) é um texto que organiza-se de começo, meio e fim, aberto a diálogos e ação; o subgênero sociológico (com um total de quatro crônicas), de acordo MARTINS (apud Scheibe 2016, p. 52), tem como característica um texto com influências narrativas e informativas da reportagem e de jornalismo literário, que possa proporcionar reflexão sobre as relações sociais; e o subgênero crônica-poema (com uma crônica), segundo MASSAUD (apud MELO2003, p. 158) nela os cronistas chegam a fazer versos em prosa emotiva ou lançar mão de uma estrofe para encerrar o texto, ou também a constrói totalmente em verso.

O livro começa com a crônica “Entre a dor e o sol”, com base no primeiro eixo temático da identidade cultural amapaense. Em seus primeiros parágrafos o texto dá o pontapé na identidade dos personagens a serem encontrados no decorrer da obra, falando de um apanhado geral das pessoas que se mobilizam através desse meio de transporte. Essa se encontra na classificação de crônica narrativa. Usei de uma narrativa poética livre de lead,

com inserção de conversas entre cronista e personagem, humanizando o texto a partir da perspectiva de que os personagens estavam inseridos num mesmo espaço.

A segunda crônica apresenta “Os moleques de domingo”, como continuação de uma mostra cultural das pessoas que aqui vivem. O texto aborda personagens que trazem uma característica evidente aos dias de domingo entre as cidades de Macapá e Santana. O texto se encontra na classificação de crônica narrativa. Explorei a inserção da música através do canto dos personagens, para que o leitor pudesse se envolver.

A terceira crônica, “As vasilhas de Socorro”, continua inserida no primeiro eixo temático ao trazer a vida de uma senhora que tem um familiar preso na penitenciária, seu perfil de mãe e mulher abrange a vida de muitas outras que são inseridas nessa vivência. O texto se encontra na classificação de crônica narrativa. Teve grande abordagem jornalística literária ao narrar sobre as vasilhas, criando um cenário em torno da locomoção até à penitenciária. Paralelamente, quis trazer rapidamente a problemática das violências físicas e psicológicas a partir de uma fala de dona Socorro sobre as mulheres visitantes, neste momento é possível perceber a importância do conteúdo e poder que carrega uma fonte, aonde possibilita a inserção de um assunto de interesse público em meio a uma narrativa mais literária.

A quarta crônica apresenta a ideia central do livro. Em “Matemática dos palmos injustos” o leitor passará a compreender o porquê do nome dado ao livro, bem como entenderá sobre os espaços desse transporte coletivo, e o que esse pequeno espaço proporciona enquanto problema social, problemas como desde um xingamento gordofóbico, uma agressão psicológica homofóbica ou até um abuso físico sexual. A crônica muda o roteiro no momento em que sai de todo o cenário desagradável no ônibus para observar o mágico (a menina que se encantava com o cenário da rua através da janela do coletivo, contagiando a mãe e a mim com um sorriso largo no rosto) dentro desse mesmo espaço. Assim criando um contraste entre os problemas e encantamentos encontrados no cotidiano. A narrativa se encontra na classificação de crônica local. Do ponto de vista jornalístico, quis problematizar a superlotação nos ônibus, que é um problema muito falado pela população. Como abordagem de aportes jornalísticos literários, usei um enredo livre com o sujeito em primeira pessoa.

A quinta crônica chamada “Olhos raivosos” abre o segundo eixo temático trazendo como tema o racismo, mostrando características de sociabilidade e conflitos entre os anônimos. Essa se encontra na classificação de crônica sociológica. Fiz uso de travessões para ser mais precisa na linguagem, colocando voz aos personagens; além da inserção do sujeito em primeira pessoa para dar ênfase ao sentimento do momento, na tentativa de mostrar o problema social ao leitor. Ao trabalhar o cunho jornalístico, foi possível a inserção de dados estatísticos na crônica, na tentativa de reforçar a ideia sobre o racismo existente no país.

A sexta crônica, “Ei, a gente existe”, trouxe outro problema social ao relatar sobre as minorias LGBT e o enfrentamento aos preconceitos e discriminações. O texto relata o depoimento de um casal homoafetivo que enfrentou homofobia dentro do transporte público. A narrativa se encontra na classificação de crônica sociológica. Como técnicas oriundas do jornalismo literário, foi possível a abertura de frases longas com o uso de travessões, possibilitando dar o máximo de voz aos personagens. Ao mesmo tempo, o grande uso de citação da fonte dá o aporte à credibilidade da entrevista como cunho jornalístico, além de novamente utilizar de dados estatísticos para sustentar a informação sobre o tema.

A sétima crônica, “Silenciada hoje, com fala amanhã”, abre discussão à temática de violência de gênero ao trazer o relato de uma mulher que compartilha de seu sentimento de impotência frente a um momento machista enfrentado dentro do coletivo. Classificada como crônica sociológica, a narrativa usa como problematização o fato de um homem praticar masturbação em um ônibus e isso possivelmente poder virar notícia, além de mostrar a indignação dos anônimos presentes no coletivo. Houve a utilização de diálogo em travessões conforme relato da personagem, além de trazer para o texto grandes frases apanhadas da mesma entrevista, pondo em destaque o sentimento da fonte.

A oitava crônica, intitulada “Subtraídas, porém unidas”, dá continuidade à temática sobre violência de gênero, porém relatada de forma mais forte e violenta a partir de um depoimento sobre abuso sexual físico. Também classificada como crônica sociológica, na perspectiva de jornalismo literário, busca trazer de forma cronológica o relato da personagem e também faz do uso de palavras maiúsculas para dar ideia de gravidade e indignação à fala da vítima, ressaltando suas palavras para dar mais humanidade ao texto. Do ponto de vista

técnico jornalístico, foram adicionadas informações de dados sobre assédios no Brasil em lugares públicos e especificamente no transporte público.

A nona crônica, “Um peruano, um charango e uma zamponha”, vem como abertura para o terceiro eixo temático, que evidencia um peruano que ganha a vida cantando e tocando seus instrumentos típicos, inclusive no transporte público. Classificada como crônica narrativa, é escrita de forma literária abordando o dia do artista e sua desenvoltura com o público presente no coletivo. Nesse texto, assim como em outros, é possível perceber a forte influência religiosa encontrada no estado, principalmente pelo catolicismo e cristianismo. Guardei o momento para registro e troquei número de telefone com Sabino, o personagem da crônica, com isso foi possível realizar encontro com o músico, usando como técnica o gênero entrevista, característico do jornalismo.

A décima crônica, “Uns trocados e uma missão”, traz a história de uma mulher, que assim como muitos, usa dos coletivos para pedir ajuda em dinheiro dos passageiros. O cunho do jornalismo literário se caracteriza pela narrativa mais poética, com descrição do ambiente, nos detalhes das atitudes e gestos das pessoas. O texto é classificado como crônica narrativa.

A décima primeira crônica, “A vida e um bombom” conta a história de um vendedor ambulante trazendo algumas recordações da sua vida desde a infância ligada ao seu trabalho. Estes relatos refletem na forma como pessoas comuns levam suas vidas e lutas de forma ordinária e ninguém questiona como foi a trajetória desse alguém. É nessa provocação que o jornalismo literário está presente, apresentando ao leitor um personagem que muitas vezes está ali e é despercebido, invisível e perdido no cotidiano. Como ferramenta jornalística usei a entrevista. O texto se encaixa na classificação de crônica narrativa.

A décima segunda crônica, conta história de outro vendedor ambulante, porém com um personagem muito diferente, e se tornou importante trazer esse contraste de perspectivas onde, para o primeiro vendedor o trabalho e os pesos disso são mais difíceis do que para o que está presente nessa narrativa. O primeiro vê o trabalho como uma obrigação que o impediu de estudar e desde cedo ter de levar sustento à sua família, aos irmãos e mais tarde à sua esposa e filhos. Enquanto para o outro é visto como uma alternativa de trabalho, onde ele escolhe que quer sair para vender na rua e nos coletivos e não ter um emprego fixo (e, para ele,

possivelmente mais tranquilo e menos exaustivo). O texto se classifica como crônica narrativa, teve como aporte jornalístico literário o diálogo com frases curtas.

A décima terceira crônica, com o título em francês “Ivre française” chega à metade do livro como um respiro ao leitor pela maneira humorística que é narrada. O texto traz como fato inusitado o encontro de turistas franceses e um bêbado que diverte a todos no ônibus através da conversa. O uso de características do jornalismo literário é usado em toda a crônica com os muitos travessões de falas dos personagens para carregar de realidade o texto, além das descrições e narrações. Como abordagem jornalística foi possível agregar ao texto algumas informações locais sobre a relação entre Amapá e Guiana Francesa, como a influência do idioma no estado. O texto é classificado como crônica narrativa.

Na décima quarta crônica, “Ao fechar de olhos”, começa o quarto eixo temático no livro. O texto conta peculiaridades de uma cobradora de ônibus. O texto é uma crônica narrativa. Através de recursos do jornalismo literário, a narrativa tem enredo leve através da observação, apresentando traços característicos da personagem.

A décima quinta crônica, “Uma sombra emprestada”, resulta em crônica local e esmiúça a problemática da relação entre motorista de ônibus e a falta de respeito ao idoso e seus direitos de gratuidade. A narrativa traz recursos do jornalismo literário ao iniciar o texto com o envolvimento entre cronista e personagem e na troca de afeto que estes se dão. Como recurso jornalístico, o uso de números estatísticos e informações sobre a lei de gratuidade ao final do texto ajudou a sustentar a crônica.

A décima sexta crônica, “De quem é a culpa”, é classificada novamente pela crônica local, por trazer um tema que afeta cotidianamente a comunidade que usa e trabalha no transporte público local. As relações entre motorista/cobrador e passageiro, muitas vezes pode ser conflituosa, e foi o que trouxe essa narrativa. Há a inserção de fala de muitos personagens e a narrativa segue em ordem cronológica. Como técnica jornalística há o método da apuração da notícia, buscando respostas de todos os lados.

A décima sétima crônica, “Gentileza não gera gentileza”, narra outro momento de diálogo intenso entre cobrador e passageiro, dessa vez pela falta de troco em dinheiro. Classificada como crônica narrativa, é explorada pelo gênero literário primeiramente ao fazer

ficção em um primeiro diálogo e posteriormente deixando clara a ironia posta, além de outros recursos explorados na maioria das crônicas, como o uso das falas e detalhes do ambiente.

A décima oitava crônica, “Desespero de um 15 de fevereiro”, traz um diferente tipo de conflito, pois dessa vez não aborda desafetos entre passageiros e trabalhadores da linha de ônibus, e sim sobre um grupo de pessoas (ladrões) que afeta aos dois grupos de personagens (passageiros e trabalhadores). O texto narra sobre um dia infeliz e o impacto sentido por essas pessoas através do fato. A narrativa classifica-se como crônica local. Essa se desenvolveu principalmente a partir do relato da personagem Jaqueline, presente no ocorrido. Através de suas informações foi possível fazer o uso de técnicas do jornalismo literário, com a narração sobre o acontecimento e falas emotivas; com o mesmo relato, também foi possível falar sobre a precariedade no sistema de segurança da cidade, usando assim da narrativa de cunho jornalístico.

A décima nona crônica, “A história de uma menina que se divertia viajando no ônibus”, retrata a história de uma menina autista que enfrenta preconceitos e discriminação por causa do transtorno. O texto é uma crônica narrativa, o enredo com inspiração no jornalismo literário se faz presente do começo ao fim do texto. Como recurso jornalístico foi usado o gênero entrevista para poder explorar ao máximo as informações dadas em relato.

A vigésima crônica, “Mal de ônibus”, foi escrita na classificação crônica poema. O texto trouxe a relação entre passageiros, tentou procurar na poética uma forma de exprimir em poucas palavras sobre esses diferentes e desconhecidos que convivem diariamente uns com os outros, e influenciam na vida um dos outros. A entrevista foi o recurso jornalístico utilizado para obter informações para realização da crônica. É importante também ressaltar que essa crônica ficou posicionada estrategicamente ao lado de outra que também trouxe significações da relação entre mãe e filho.

Para fechar o livro, a crônica “Palmos justos injustos” faz um jogo de comparação irônica com a crônica que deu nome ao livro, na busca pela reflexão do leitor ao término do livro. Inspirada pelo escritor Rubem Alves (1995) no livro de crônicas “Sobre o tempo e a eternidade”, onde abre e fecha o livro falando sobre o rio e o *tempus fugit*², na última crônica

²Tempus fugit é uma expressão latina que significa "O tempo foge", mas que é normalmente traduzida como "o tempo voa". É uma expressão que aparece em muitos relógios. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempus_fugit>

o autor consegue, como uma última reflexão, fazer o leitor viajar ao começo do livro e repensar e entender ainda mais sobre o rio, o tempo, a eternidade. Logo, minha proposta é fazer o leitor repensar sobre o ‘justo e injusto’ através da dinâmica do texto quando fala sobre o espaço oferecido aos passageiros nos ônibus. A crônica também tem como objetivo lançar um tom de despedida do livro ao falar do povo amapaense, ponto de inspiração para a realização desse projeto. O texto é uma crônica narrativa. Uso o texto literário ao me aprofundar falando do clima e das pessoas. Como abordagem jornalística quis falar do problema do sucateamento da frota de ônibus, trazendo na narrativa a comodidade que os novos ônibus trazem enquanto os antigos não atingem a demanda do mínimo de conforto.

Durante essa caminhada, comecei em orientação com a professora Dra. Roberta Scheibe, mas por problemas pessoais não concluí o trabalho ao final do semestre. Quando retomei o projeto, a professora se ausentou da Universidade para a realização do doutorado. Com isso, o trabalho ficou com a orientação da professora Dra. Lylian Rodrigues, que por certo tempo me ajudou muito em relação ao olhar humanístico deste trabalho, me auxiliou sobre perspectivas e teorias sociológicas, me fazendo enxergar outras abordagens dentro do cotidiano. Mas novamente por problemas pessoais deixei de defender o trabalho.

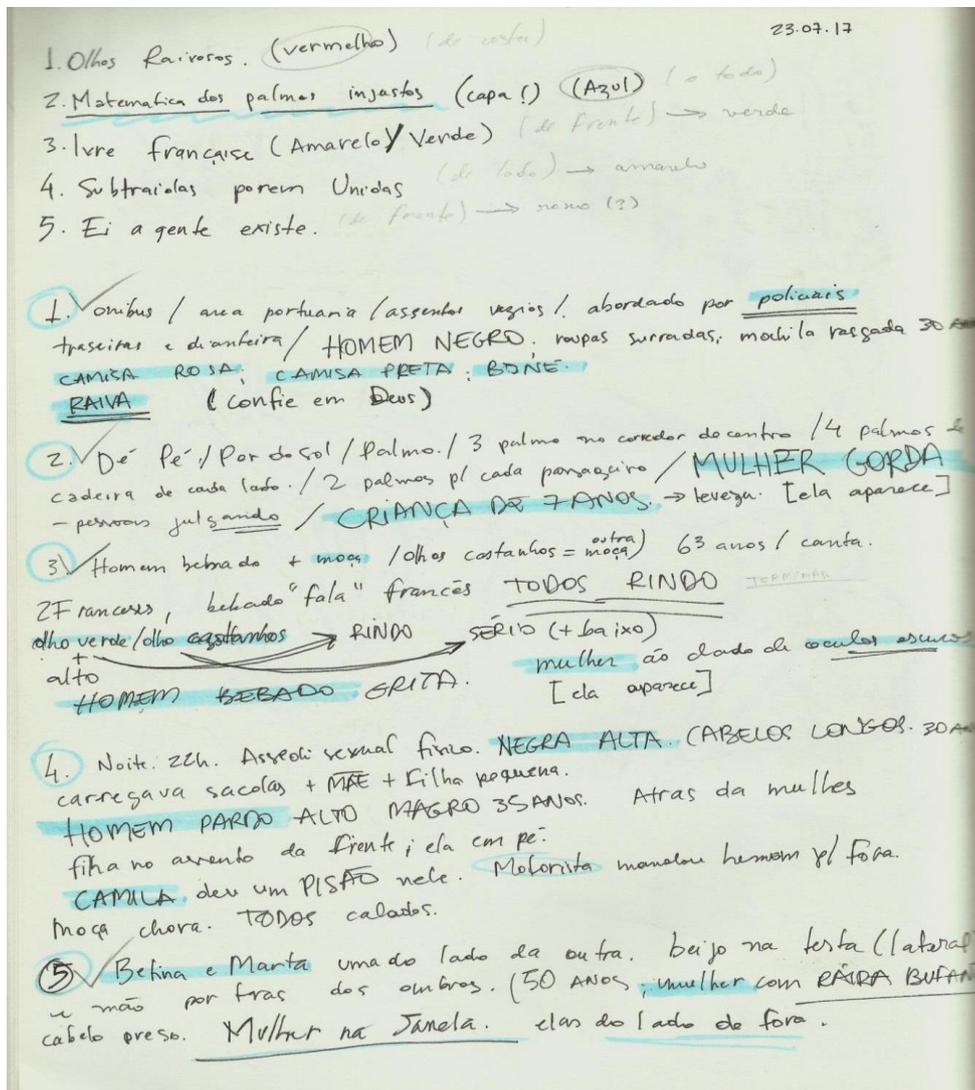
A última orientação, com a edição final do livro de crônicas e memorial foi feita pela professora Dra. Roberta Scheibe, ajudando no melhoramento e amadurecimento de ideias trazidas aos textos, bem como no auxílio do estilo de texto e inspirações.

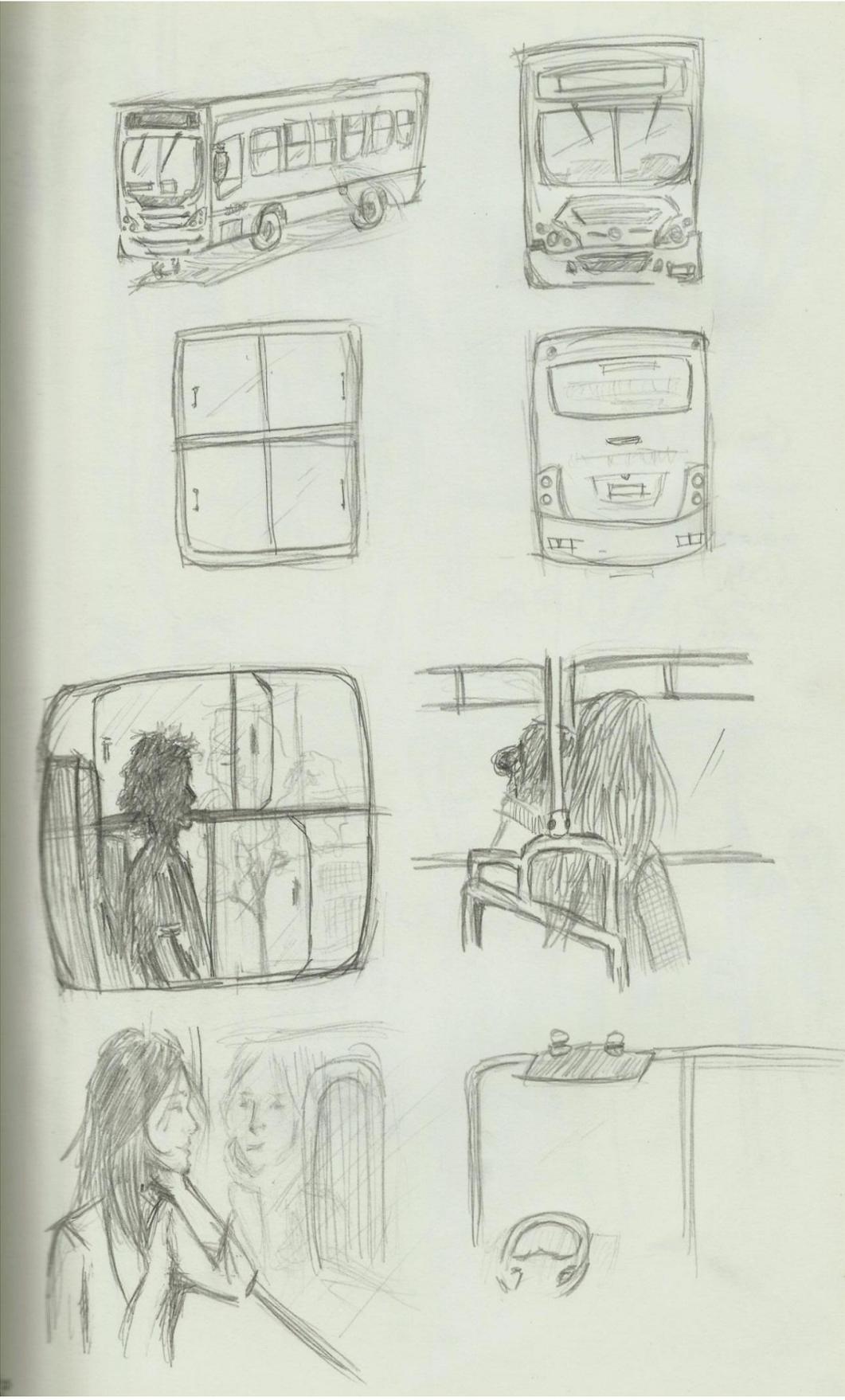
Em reunião com a orientadora Dra. Roberta Scheibe, discutimos sobre alguns acertos técnicos de finalização do livro, como a diagramação e capa do livro, e com isso pensamos em possíveis ilustrações. Levei a ideia adiante e tentei fazer parcerias com alguns artistas, porém não obtive respostas a isso. Logo, passei a verificar preços e consegui o mais barato custando R\$30,00 por ilustração, assim, pensei na ideia de uma ilustração para capa e mais 4 para ilustrar o livro internamente, resultando num total de R\$150,00. Até então era a análise de uma possibilidade, até que conversei com vários amigos sobre ajudas de custo e quem pôde entrar com recursos contribuiu para essa realização.

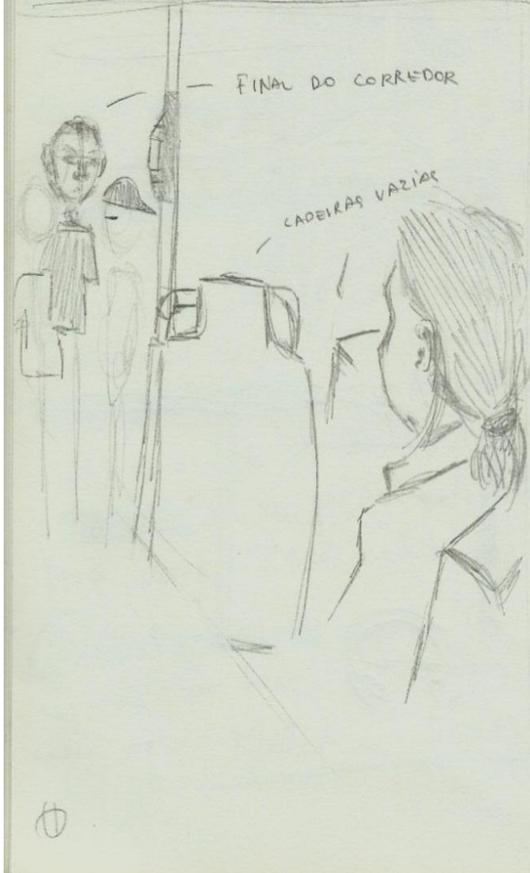
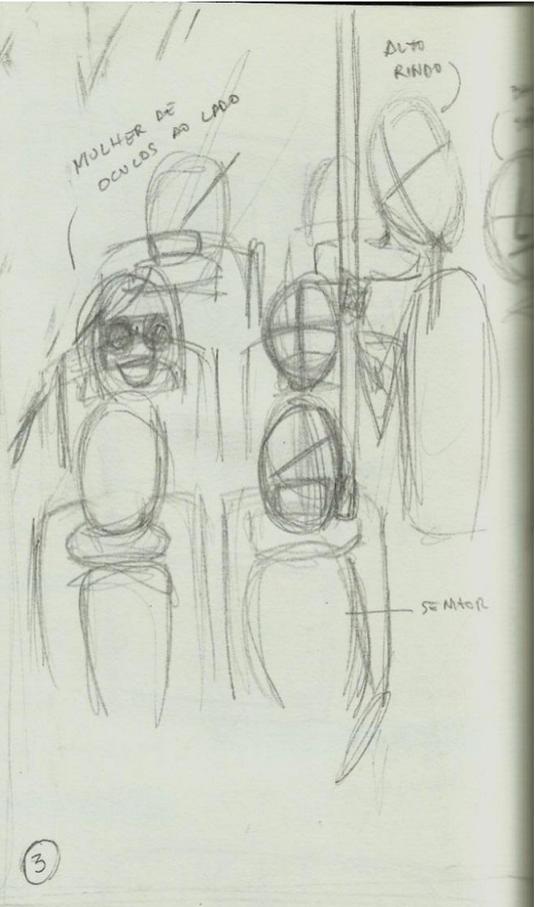
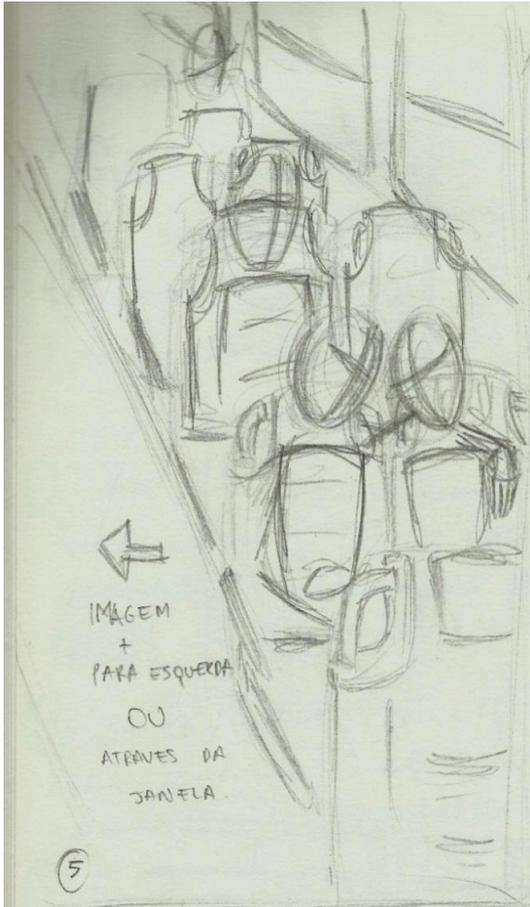
As crônicas escolhidas para ilustração foram: “Matemática dos palmos injustos”, para a capa do livro, pois ganhou o título e era necessário conter algo ilustrativo; “Olhos raivosos” e “Subtraídas, porém unidas” ganharam ilustração pelo fato de conter na narrativa temas

muito importantes e vividos pela sociedade. “Ei, a gente existe” teve destaque no livro por se tratar de um tema que comove, o amor, logo, trazer uma ilustração mais leve em meio ao tema grave ressalta a importância do “não ao preconceito”; e por fim, a última crônica a ser ilustrada foi “Ivre française”, pois o livro precisava de um respiro tanto na escrita quanto no visual, com pessoas sorrindo e nessa tentativa alcançar ainda mais o sentimento do leitor.

De acordo com a ilustradora Raehli Hage, a concepção das ilustrações iniciou com um resumo das crônicas, destacando todos os principais personagens e características. Posteriormente foram feitos desenhos de observação para melhor captura da temática, utilizando como referência as imagens de ônibus do site www.onibusbrasil.com e do portal da Prefeitura do Estado de São Paulo (www.prefeitura.sp.gov.br). Como se pode ver nas imagens sobre o processo de produção:









Para o estudo de imagens de cenário, foram utilizadas fotos de Daniel Caron da Gazeta do Povo (www.gazetadopovo.com.br). Os artistas usados como inspiração foram Scott Watanabe e Blad Moran. Para a pintura, a técnica utilizada foi aquarela e nanquim sob papel Canson de gramatura 300, onde cada cor escolhida tem como objetivo expressar o clima psicológico e emocional que a narrativa propaga. Com isso, as cores quentes usadas na capa foram inspiradas na crônica *Matemática dos palmos injustos*, os tons de amarelo/laranja remetem à agonia, ao calor geralmente encontrado nas narrativas no decorrer do livro, afinal a capa precisava fazer um apanhado do contexto geral. O tom de cores vermelhas em *Olhos raivosos* significa a raiva dos meninos; os tons em lilás/rosa na crônica *Ei, a gente existe* significa o amor entre as garotas; a tonalidade azul referenciada em *Subtraídas, porém unidas* significa a calma passada através da defesa de uma mulher sobre a outra; o verde usado em *Ivre française* traz um tom mais descontraído e alegre de acordo com o que a narrativa proporciona.

O livro em formato PDF deve-se a falta de orçamento para impressão, por ser caro e não haver recursos. Porém, o formato digital possibilita uma maior interação e compartilhamento entre o público que tenha interesse.

9.1 Projeto gráfico e editorial

A diagramação foi feita por Alessandra Tavares e Brenda Silva, no programa InDesign, com margens medindo largura 148mm e altura 210mm, com espaçamento entre linhas 14,4 e entre parágrafos 2mm, o recuo 13mm. O texto em escala de cores preto e branco apresenta um modelo simples e limpo para melhor leitura. A fonte escolhida foi a Bell MT regular tamanho 12, usando do modelo itálico algumas vezes pela influência do texto, com citações de música por exemplo. Os títulos de cada crônica ficaram em caixa alta para melhor compreensão. A fonte de capa do livro foi Beer Money, sendo a que mais se aproximava dos números feitos em ilustração; as cores da fonte de capa para título do livro e nome da autora foram escolhidas de acordo com o as cores propostas em ilustração.

Em relação aos espaçamentos dados no livro no começo de cada crônica, foram inspirados na diagramação do livro “Sobre o tempo e a eternidade” de Rubem Alves (1995), dando o início de cada crônica sempre quase ao meio da página, com o título um pouco mais

acima em maiúsculo, a diferença em “Matemática dos palmos injustos” foi o título alinhado à direita. É importante ressaltar que a página em branco à esquerda dos títulos da crônica não se deu em todas as crônicas por questão do tamanho do texto, sendo alguns menores ou maiores que outros. Optei por continuar com uma crônica na página seguinte do que deixar mais páginas em branco e dar impressão de muito branco no decorrer do livro, esse modelo também se encontra no mesmo livro de Rubem Alves.

9.2 Cronograma

A realização do Projeto teve início ainda no Pré-Projeto de Pesquisa que aconteceu juntamente com o início do 1ª semestre de 2014, no mês de abril, com as aulas da disciplina de Pré-Projeto Experimental, ministradas pela professora Dr^a. Isabel Regina, as orientações começaram com essa professora e posteriormente a turma foi dividida, com isso continuei orientação com o professor Dr^o. Rafael Wagner Santos Costa. Por meio de orientações individuais com este professor, foi construído o texto do pré-projeto experimental. Apresentado e aprovado, eu teria no segundo semestre orientações com a professora Dr^a. Roberta Scheibe, porém, tive de abandonar o trabalho por questões pessoais. Quando retomei o projeto, a professora se ausentou da Universidade para a realização do doutorado. Com isso, o trabalho ficou com a orientação da professora Dr^a. Lylian Rodrigues, que durante o ano de 2015 me ajudou muito em relação ao olhar humanístico deste trabalho, me auxiliou sobre perspectivas e teorias sociológicas, me fazendo enxergar outras abordagens dentro do cotidiano. Mas novamente não concluí o trabalho. No primeiro semestre do ano de 2016 não retornei ao trabalho por conta de disciplinas pendentes, e no segundo semestre viajei para intercâmbio. Ao regressar no começo deste ano, voltei à escrita das crônicas sem orientação até que começasse o semestre no mês de abril, onde finalmente regressei ao trabalho sob orientação da professora Roberta Scheibe até a conclusão deste.

As atividades descritas abaixo estão relacionadas desde a inicialização do pré-projeto experimental, passando pelo projeto experimental do livro de crônicas, até a finalização do memorial. Segue o cronograma:

2014

Atividades	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.
Pesquisa para o Pré-Projeto	X	X	X							
Produção do Pré-Projeto		X	X	X						
Observação do Campo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Defesa do Pré-Projeto					X					
Realização de conversas e entrevistas com pessoas no transporte público								X	X	X

2015

Atividades	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Realização de conversas e entrevistas com pessoas no campo	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Pesquisa para Produção do Projeto experimental			X	X						
Produção de texto para Referencial teórico					X	X	X			
Produção do Texto para o Livro de Crônicas					X	X	X	X	X	X

do Projeto Experimental e do Memorial									
---------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9.3 Orçamento

O Livro de crônicas “Matemática dos palmos injustos: livro de crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense”, foi realizado e produzido pela autora, com orientação da professora Dra. Roberta Scheibe. A diagramação foi realizada por amigas da autora do livro, que não cobraram pelo trabalho. As únicas atividades exercidas por outras pessoas e cobradas foram, a ilustração, impressões, cópias finais e encadernação, além da compra de CD’s (porém, estes eu mesmo gravei e não tive gastos adicionais).

Descrição	Quantidade	Valor
Ilustração	5	R\$ 30,00 por unidade
Impressão do Memorial	1 com 57 páginas	R\$ 10 centavos por página
Cópia do Memorial	2	R\$ 7 centavos por página
Encadernação do Memorial	3	R\$ 3,50 por unidade
CD’s	3	R\$ 1,50 por unidade
		TOTAL R\$ 178,70

10. CONCLUSÕES

Minha maior inquietação inicialmente, quando passei a idealizar um projeto que fosse um livro de crônicas que retratasse as histórias de sujeitos comuns amapaenses, era que o gênero híbrido suprisse a necessidade de retratar a realidade desses indivíduos no cotidiano do transporte público local.

Entendia que o gênero crônica, que caminha entre o jornalismo, a literatura e a sociologia, geralmente usado para narrar sobre o cotidiano, a vida corriqueira, a vida nas ruas, etc.; era um meio de aproximar a narrativa jornalística do relato mais humanizado, tornando possível contar a história desses indivíduos comuns, mostrando suas significações frente à sociedade. E assim sucedeu-se, as hipóteses levantadas neste trabalho foram alcançadas com a

conclusão do livro e memorial. Quanto ao livro, foi realizado um produto capaz de informar através da crônica, relatando e informando sobre o cotidiano do transporte público amapaense através de relatos locais. E através do memorial, comprovar que o livro composto por esse subgênero do jornalismo literário, pode ser considerado um produto jornalístico, e além disso, mostrando que através do relato humanizado, repleto de significações, foi possível trazer o que matérias jornalísticas factuais não manifestam, ressaltando assim a fidelidade ao real cotidiano, de forma poética, jornalística e sociológica, utilizando de ferramentas do jornalismo.

O problema do trabalho também foi respondido, no sentido de mostrar a possibilidade da crônica como uma narrativa coerente, diferencial e alternativa para assuntos cotidianos. É um estilo de fácil leitura e que atrai leitores de múltiplas linguagens.

Ao optar pela crônica, subgênero do Jornalismo Literário, pude alcançar o objetivo geral de concretizar um livro relatando várias histórias de pessoas comuns que passam a ser ordinárias, dar visibilidade a essas, que são memória subterrânea (POLAK, 1989) do cotidiano na cidade, a partir de suas identidades, suas vivências, linguagens, crenças e costumes. Dessa maneira, apresentar ao leitor essas vidas e também, textos que retratem as situações diárias e acontecimentos relevantes que cercam o transporte público local.

Pensando no projeto visualmente e por gostar de fotografia/fotojornalismo, inicialmente havia pensado em capturar fotos dentro dos coletivos e de lugares ligados a esse, como as paradas e terminais rodoviários, porém enfrentei problemas a começar pelo grande movimento que proporciona o ambiente. Desisti, mas continuava com a idéia de ter algo ilustrativo. Até que em uma das orientações, a orientadora Dr^a. Roberta Scheibe sugeriu a opção de ilustrar através de desenhos, e tendo isso em vista entrei em contato com algumas ilustradoras amapaenses (havia a necessidade na escolha por uma mulher porque uma das crônicas escolhidas era sobre violência de gênero, e ao meu ver, assim seria melhor retratado). Raehli Hage foi a ilustradora que abraçou o trabalho e dedicou-se com muita emoção para contribuir e enriquecer o produto.

A diagramação do livro em PDF foi realizada pelas amigas Alessandra Tavares e Brenda Silva, que se disponibilizaram em ajudar pela minha falta de tempo em decorrência deste memorial. Mas fiz questão de acompanhar o processo e contribuir com sugestões, pois

queria algo que visualmente passasse ao leitor o sentimento que eu depusitei ao narrar as histórias dos personagens, o sentimento que eles transmitiram a mim, entendendo a delicadeza desde o texto até a diagramação.

Em relação ao conteúdo do produto, cada vez que conseguia uma nova história, percebia que tinha escolhido o lugar certo para colhê-las, pois acerca do transporte público existem muitos problemas estruturais e sociais, além de acontecimentos inusitados, emocionantes e até divertidos; destacando principalmente a diversidade de pessoas que se é possível encontrar no local. O ambiente urbano também possibilita um leque de descrição fascinante para o leitor, que pode viajar através das narrativas.

A proposta de usar o gênero foi amadurecida aos poucos ao ir encontrando os subgêneros onde as crônicas se classificavam, formando assim também, eixos temáticos que foram trabalhados dentro do livro. Os textos propostos ao subgênero de crônica narrativa geralmente traziam como eixo temático um pouco da identidade cultural amapaense e, como o cotidiano é formado e ganha significado através dos cidadãos amapaenses; outro exemplo de eixo foi possível se formar a partir de crônicas sociológicas que mostravam problemáticas de relações sociais presentes no transporte público; houve também eixo específicos tratando de histórias de ambulantes, artistas, etc.

A presença do jornalismo literário pôde resultar em algo que eu almejava, a realização de um trabalho mais sensível, delicado e que pudesse provocar no leitor sentimentos de identificação, memória e lembrança sobre o cotidiano que vive, além de visibilizar pessoas que precisam ser mostradas através de suas histórias reais, pois todos temos um pouco de extraordinário em nossas vidas. Então, ao observar o cotidiano nos coletivos através da incursão etnográfica, realizar conversas e entrevistas com esses personagens, pude escrever narrativas trabalhadas no estilo jornalístico literário sobre acontecimentos de momentos felizes, tristes, engraçados, enfrentamentos a problemas sociais, etc.

A linguagem técnica jornalística também precisou estar muito presente nas crônicas, usando da apuração da notícia. Posso destacar como exemplo a busca de dados estatísticos para complementar informação sobre assuntos relevantes em algumas crônicas; as muitas e diferentes vozes dos sujeitos comuns como fontes através de entrevistas e conversas.

Uma meta importante a se ressaltar para este produto, é que ele venha a somar juntamente ao jornalismo amapaense, uma obra que traga um diferencial, primeiramente por se tratar de um gênero pouco usado no meio jornalístico, e mais ainda no estado do Amapá. Aqui há pouquíssimos livros de crônicas, e até então não havia com a temática do transporte público. Também é preciso destacar que, este produto e memorial podem contribuir como referência para outros estudos e pesquisas, seja em referencial teórico ou conhecimento de identidades culturais através do livro.

Poder compartilhar do que eu vejo e sinto sobre nosso povo amapaense, e poder mostrar quem são através de seus próprios relatos, é um sentimento maravilhoso de dever cumprido de um trabalho onde tive muita dedicação em tornar possível. Sinto agora a realidade de uma contribuição acadêmica e profissional que sempre foi muito pulsante em mim, por querer tornar essas pessoas visíveis, mostrar seus encantos, suas lutas, seu chorar e sorrir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eternidade**. Campinas: Papyrus, 1995.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo**, v. 2. 5. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.[Disponível em <https://books.google.com.br/>]

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, magia, cotidiano**. Canoas: ULBRA, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERETTA, Regina Celia de; SASTRE, Angelo (Org.). **Olhares para o território: perspectivas e experiências**. Bebedouro: Instituto Municipal de Ensino Superior: Clube de autores, 2016.

BRUM, Eliane. **A floresta das parteiras**. In <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI160405-15518,00.html>

_____. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

COSTA, Marta Morais da. **Teoria da literatura II**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2008.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 14 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

FERREIRA, Alvaro. **A produção do espaço: entre dominação e apropriação. Um olhar sobre os movimentos sociais**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (15). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24515.htm>> [ISSN: 1138-9788]

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 14 ed. Editora Record, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo, Clube de Autores, 2014.

_____. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição revista e ampliada. Editora Manole, 2009.

_____. **Páginas ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 1993.

Literatura no Amapá. <http://escritoresap.blogspot.com.br/>

MARAFON, GJ., RAMIRES, JCL., RIBEIRO, MA., and PESSÔA, VLS., org. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói: a estrutura mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2 ed. São Paulo, 1988.

_____. **Povo e personagem**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996. (Série Mundo Mídias; 4).

MELO, José Marques de. **A Opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Aline Cristina de. **Crônica: um gênero menor? Indagações acerca do texto lítero-jornalístico**. In: II Colóquio da Pós-Graduação em Letras. São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Pós-Graduação de Letras, 2010. p. 199-215.

PAIXÃO, Fernanda (Org.). **Linguagem, cultura, reportagem [livro eletrônico]: uma abordagem sobre publicações, autoria e subjetividade no jornalismo brasileiro**. Niterói: Estúdio Sopa, 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Petrópolis: Ed. Vozes LTDA, 2006).

POLLAK, Michael. **Memórias, esquecimento, silêncio** in Estudos Históricos, Rio de Janeiro, volume 2. nº 3. 1989.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RITONDELE, Claudionor Aparecido. **A arte de escrever: curso de escrita criativa**. São Paulo: s.n., 2009.

SÁ, JORGE DE. **A crônica**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2005.

SCHEIBE, Roberta. **Comédias da vida privada: a crônica em Luis Fernando Veríssimo**. Monografia. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003.

_____. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto De Campos**. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.

_____. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto De Campos**. Editora Ética: Imperatriz-MA, 2008.

_____. **Tempos de chorar e de sorrir no espaço da morada: um estudo socioantropológico de mulheres resistentes marcadas pela tragédia em Macapá-AP**. Tese de doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016.

SILVA, Francilene de Oliveira. **O “anônimo” no Jornalismo Literário: Protagonistas do cotidiano da revista Piauí**. São Paulo, Clube de autores, 2010.